

# FAAD

ano IV # 16

**JANE CLATWORTHY**

**ALEXANDRA RUBINSTEIN**

**LAURA WILLIAMS**

**GRACE ALLISON PERKINS**

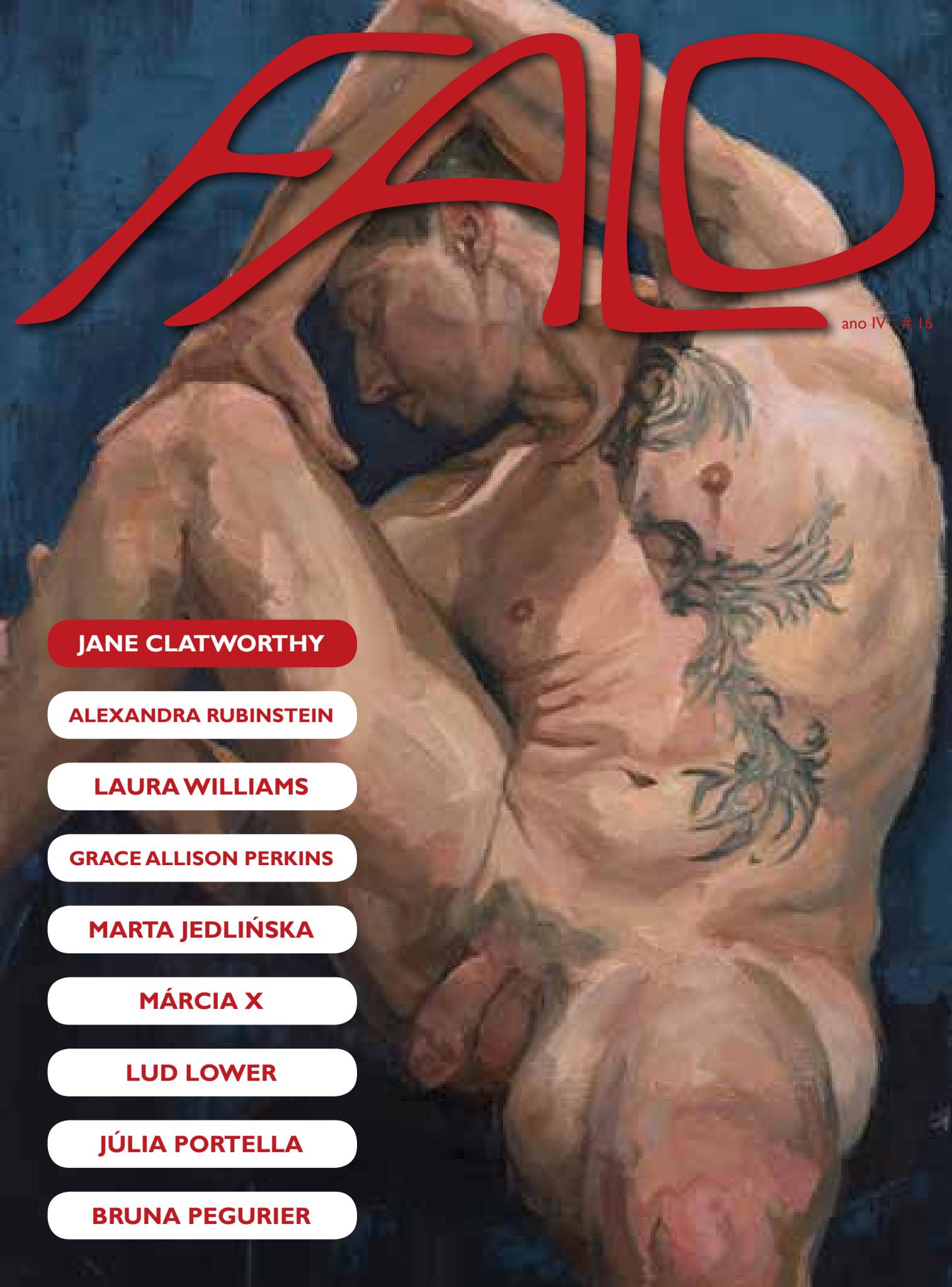
**MARTA JEDLIŃSKA**

**MÁRCIA X**

**LUD LOWER**

**JÚLIA PORTELLA**

**BRUNA PEGURIER**



FALO® é uma publicação bimestral.  
março 2021.  
ISSN 2675-018X  
versão 19.03.21

edição, redação e design: Filipe Chagas  
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme  
Correa e Rígle Guimarães.  
site: Pedro Muraki

capa: *Tudo no momento*, óleo sobre linho, de Jane  
Clatworthy, 2019.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta  
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação  
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a  
comunicação ([falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com)) para que possamos  
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

### Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que  
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.  
Todos os direitos estão reservados e, portanto,  
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de  
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por  
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas  
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos  
criadores com permissão de direitos autorais ou  
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no  
protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet  
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,  
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um  
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos  
autorais violados, entre em contato através do e-mail  
[falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com) e procederemos da melhor forma  
possível.

### Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja  
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato  
através do e-mail [falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com).

FC DESIGN  
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras  
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



## Sumário

Jane Clatworthy 6

Alexandra Rubinstein 20

Laura Williams 38

Grace Allison Perkins 52

Marta Jedlińska 64

FALO DE HISTÓRIA  
Márcia X 76

FALO EM FOCO 85

Lud Lower: *MyBoyToys* 86

Júlia Portella: *Comfort Pintos* 94

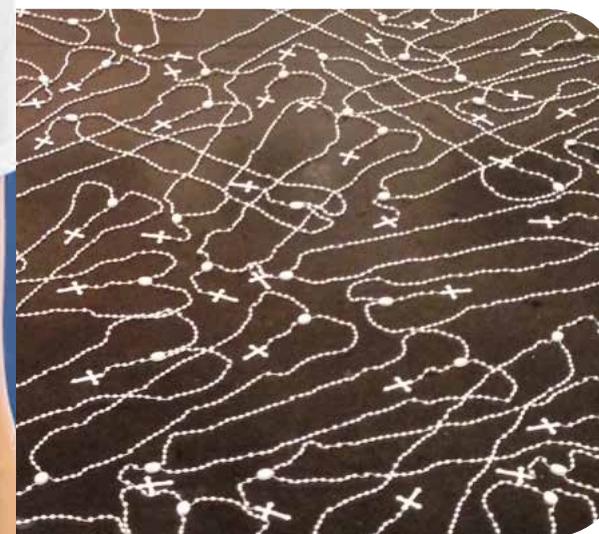
Bruna Pegurier: *Lascívia Project* 100

FALÓFORO 110

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor 112

FALO com VOCÊ 114

moNUmento 117



**A** essência da Falo Magazine foi construída a partir da diversidade do olhar e do desejo, ou seja, com a ideia de que o corpo masculino deve ser visto por todo mundo independente de gênero ou orientação sexual. Afinal, o corpo masculino não é de exclusividade

voyeurística de homens gays: mulheres hétero também podem desejar homens, bem como homens bissexuais, pessoas trans e por aí vai. Veja um exemplo: em 1915, Imogen Cunningham fotografou seu marido nu nas montanhas e causou um rebuliço no mundo das artes por ter sido a primeira mulher a fotografar o nu masculino... quer dizer... por mostrar pra todos que mulher vê beleza no corpo do homem.

Sendo assim, a busca pelas expressões artísticas que deveriam aparecer nessas páginas virtuais sempre se voltou para corpos diversos, não só na representação pictórica, na arte em si. Já na segunda edição, vasculhei a história da Arte para trazer Sylvia Sleigh, a incrível artista que pintava homens nas posições clássicas. Pra mim, foi uma certificação de que era possível mostrar pra todo mundo o que eu queria... Mas...

Com tanto tabu numa sociedade machista, não é fácil deixar isso claro. Inclusive já houve rejeição de artistas

que não queriam ser “associados a uma revista gay” (e desde quando revista tem gênero?) ou, então, pessoas que se acham hábeis a ver o conteúdo da conta fechada do Instagram por serem gays (e desde quando ser gay te dá um selo de que

entendeu a seriedade do projeto e não vai mandar nudes aleatórios?). Além disso, é impossível nadar contra a grande “onda gay” neste assunto: a grande maioria dos artistas que ousam usar o corpo masculino como referência são gays, bem como o público que consome este tipo de temática. Confesso até que, no início eu ficava bem incomodado quando diziam que a revista era “homoerótica”, já que isso induz a dois tipos de erros que venho tentando combater: um, conforme já descrevi, que o corpo masculino serve apenas ao olhar gay; e, dois, que a nudez é somente erótica. Naturalizar a nudez é fundamental!

Mesmo nas dificuldades, Imogen e Sylvia já haviam aberto uma porta pra mim. E, agora, venho escancará-la nesta edição recheada do sexo nada frágil: sim, a Falo Magazine vai se dobrar ao olhar da mulher!

Por causa disso, o leitor mais assíduo vai perceber algumas mudanças. A primeira é o número de artistas na edição: NOVE! Isso tudo mesmo! É verdade que já havia avisado na edição anterior que o número seria reduzido para somente dois artistas. Entretanto, o assunto pedia mais! Das nove artistas, cinco apresentam seus portfólios variados, três mostram seus projetos específicos e uma, como sempre, faz parte da história (e que história!). Não fiquem presos somente às imagens e ideias belíssimas que vocês verão aqui. Leiam suas considerações, seus manifestos, seus vetores de mudança que estão escritos em primeira pessoa!

A segunda mudança também é temporária, uma vez que, para dar espaço para essas mulheres incríveis, abdiquei da minha coluna (*Falorragia*) e decidi não fazer resenha de livro (*Bibliófalo*).

Por fim, três novidades: você já deve ter percebido que o Editorial ganhou mais espaço ao ser separado do Sumário, que ganhou mais vida; a coluna *Falatório* foi renomeada como FALÓFORO, que significa “sacerdote do falo”, nome perfeito para o trabalho do fotógrafo Guilherme Corrêa e seus “asseclas” artísticos; e convidei o ilustrador Marlon Thor para abrihantar a revista com seus traços nas edições vindouras.

Como sempre, tento alinhar o tema ao longo de toda a edição. Portanto, a *Falo em Foco* traz uma obra feita por uma mulher, Rígle fala com a gente sobre violência doméstica contra a mulher, a charge de Adão Iturrusgarai satiriza o desejo feminino e a seção *moNUmento* mostra que o homem fica sim na cozinha (e do jeito que veio ao mundo).

Então, caro leitor, o que você tem em mãos é em si um clássico, uma edição única e especial. Permita-se e expanda seus horizontes.

Filipe Chagas, editor

## Nota sobre nudez:

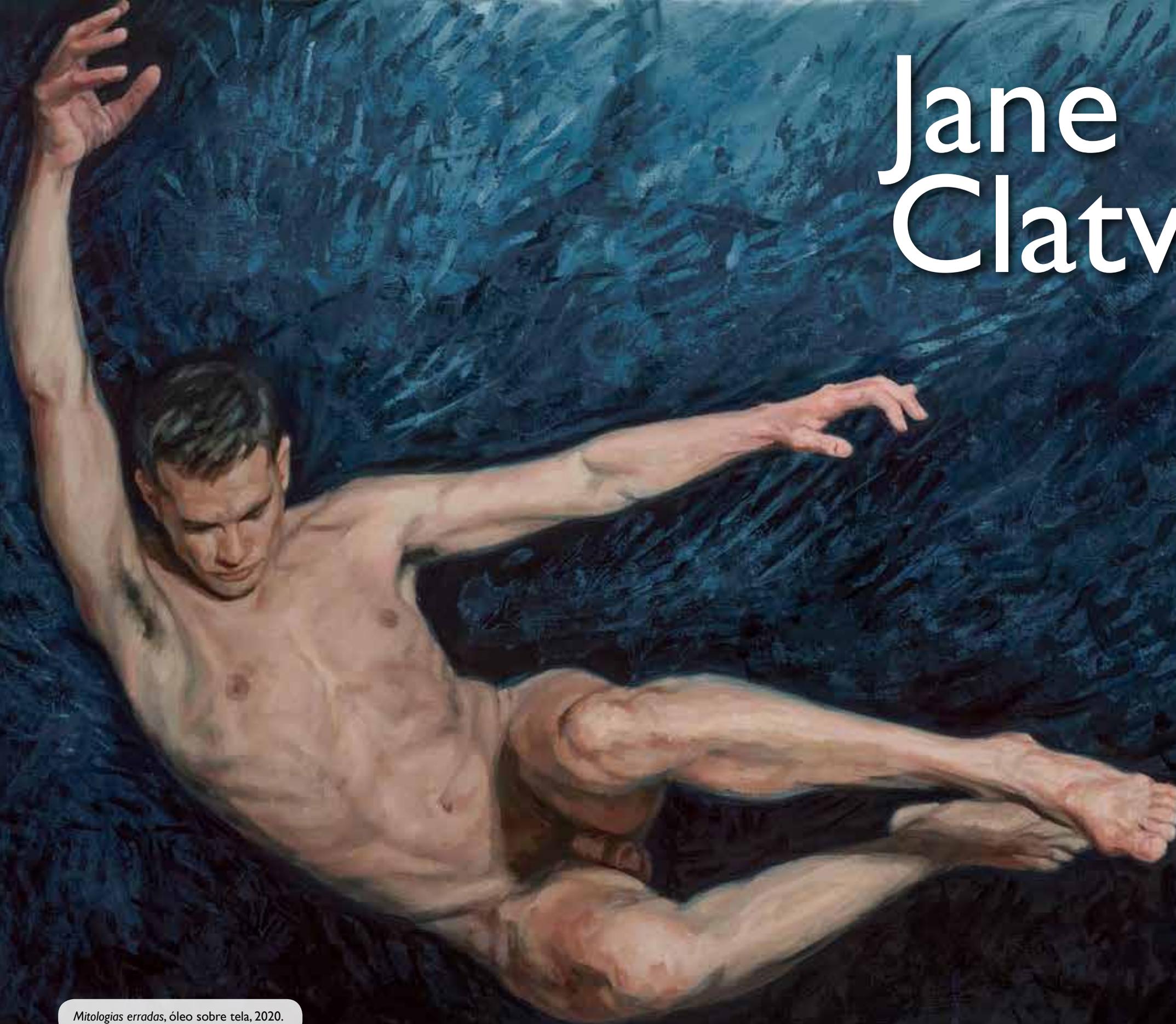
Esta publicação é sobre a representação da masculinidade na Arte. Há, portanto, imagens de nus masculinos, incluindo imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.



Roi a caminho, foto que Imogen Cunningham tirou de seu marido (o também artista Roi Partridge), em 1915, no Monte Rainier, Washington, EUA.

# Jane Clatworthy

texto da artista editado por Filipe Chagas



*Mitologias erradas, óleo sobre tela, 2020.*

**N**asci no norte da Inglaterra, mas a maior parte da minha infância foi no Zimbábue. Morei também na África do Sul e nas Ilhas Virgens Britânicas. Foi em 2009, na ilha caribenha, que redescobri meu amor pela arte e pela criação. Hoje em dia eu vivo e trabalho em Londres, onde minha vida é inteiramente arte 24 horas por dia, 7 dias por semana (bom, quase toda).



Um mergulho incandescente em direção ao êxtase, carvão sobre papel, 2019.

Em meus primeiros anos fora da escola de arte, houve uma batalha entre as vozes na minha cabeça (tutores, família, amigos) e o meu processo de pintura. Posso dizer honestamente que meu trabalho começou a evoluir quando finalmente me permiti ouvir minha voz única e passei a acreditar no valor do que eu estava fazendo. Aconteceu de forma bastante orgânica: estava pintando um autorretrato (ao lado) e percebi que ninguém me dizia o que fazer. Finalmente era só eu, a tinta e a tela, e eu não me importava com o que alguém pensava sobre como ou o que eu estava fazendo. Foi uma poderosa revelação.

Meu processo criativo geralmente começa com meu próprio estado emocional, que inspira o conteúdo do trabalho e a direção que ele tomará. Ideias para uma pintura muitas vezes aparecem totalmente formadas em minha mente. O truque é, então, projetá-las para trás para separar o “porquê” e o “como” de sua existência. Conectar é algo intrínseco ao meu processo, por isso trabalho com modelos que sinto que podem canalizar a emoção e a energia

que procuro explorar, que são sensualmente conscientes de seus corpos, ao invés de apresentarem apenas posturas acadêmicas rígidas. Algumas das poses que preciso são muito dinâmicas para serem seguradas por mais do que alguns momentos, então, eu tiro fotos de referência, nada muito profissional. Artistas como Lucien Freud, Jenny Saville e Rembrandt me inspiram, bem como a maneira como Rodin explora a experiência sensual de estar neste corpo humano que nunca sai da minha cabeça. A música também é intrínseca ao meu processo e, de forma enlouquecedora, já que utilizo a mesma playlist repetida composta de obras clássicas e contemporâneas.

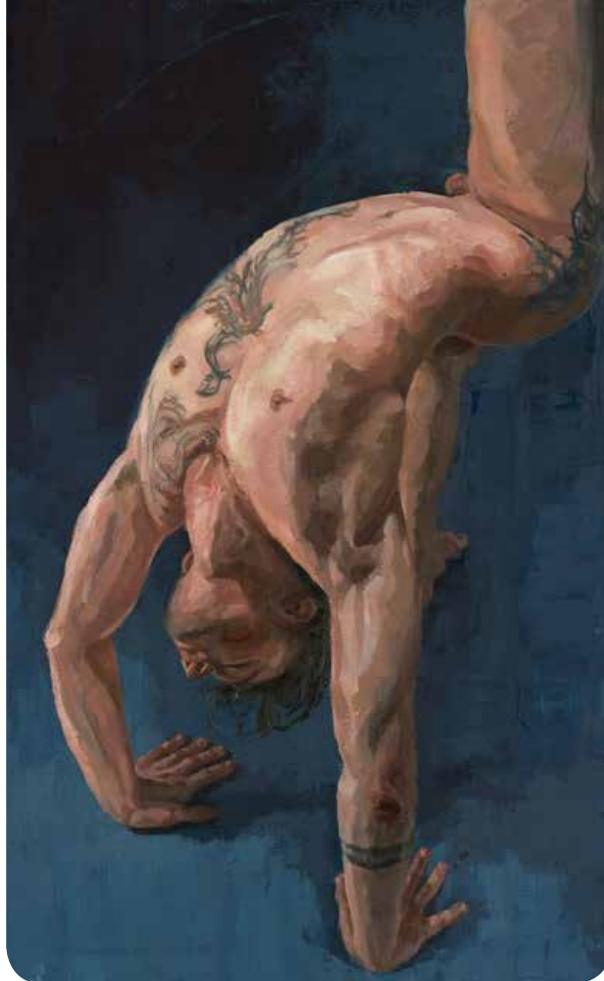
Para a parte prática do processo, eu realmente não planejo nada demais, pois gosto de resolver as coisas na tela de uma forma mais espontânea, a menos que um determinado tema precise de uma abordagem mais cuidadosa. Com modelos, vou direto para a tela, desenho com a tinta. É uma atividade mais dinâmica, pois o modelo sempre se move e torna o retrato mais vivo. Inevitavelmente, ao longo do projeto, a pintura se desenvolve em um conteúdo emocional à medida que o artista e a modelo vão se conhecendo. Quando trabalho a partir de uma referência fotográfica, sou um pouco mais exata em termos de forma. E, como não estou interagindo com outra pessoa, vou fundo em minha própria psique enquanto pinto. Provavelmente revelo mais nessas pinturas enquanto eu inconscientemente me desmascaro.

O último eco do sentimento, óleo sobre tela, 2020.



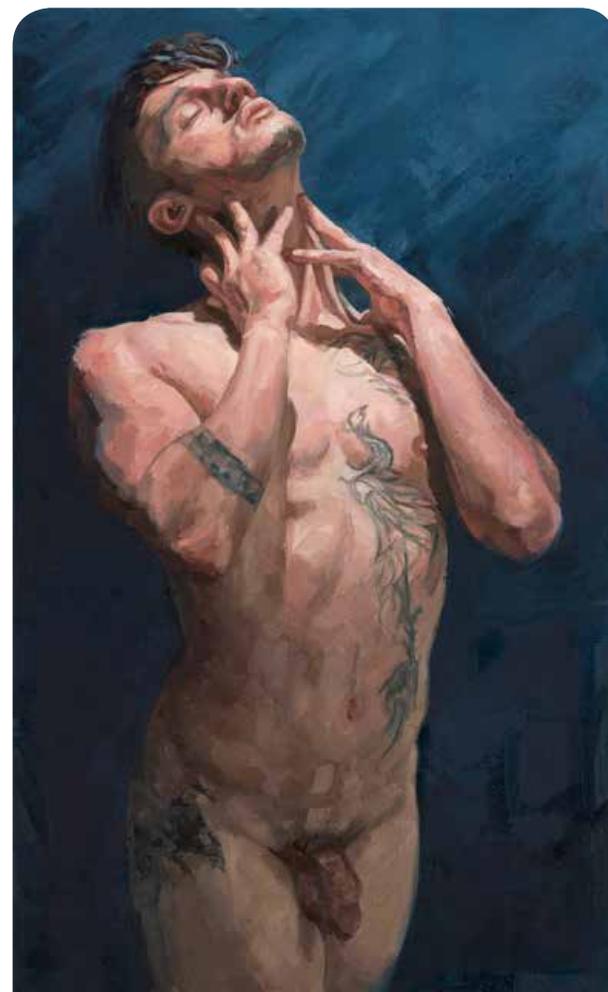
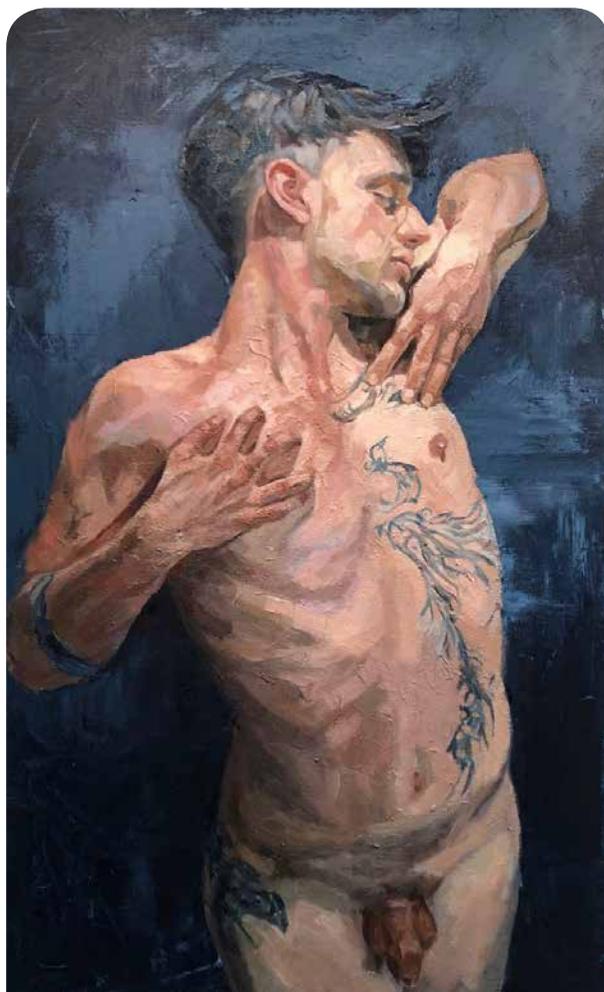
É como as luzes entram, óleo sobre tela, 2018.





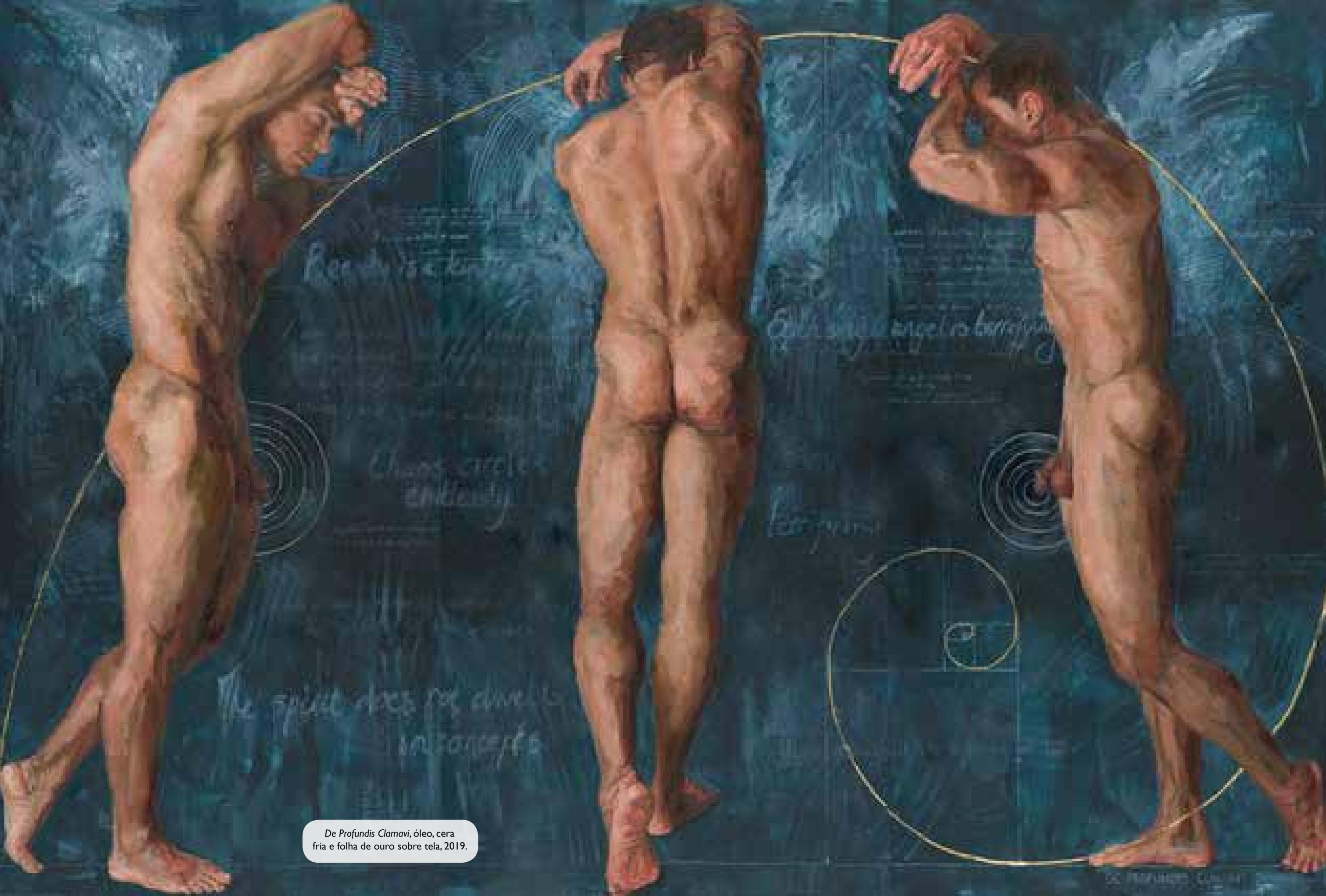
Quanto aos materiais, trabalho com óleo e às vezes com cera fria. Amo a textura que vem de muitas pinceladas, por isso raramente raspo algo que está errado. Continuo trabalhando, fazendo um registro da dinâmica, dando à pintura uma história como estratos na paisagem. Gosto de sentir meus corpos como se fossem sólidos o suficiente para acariciar e segurar, tanto que muitas vezes me pergunto se não sou uma escultora frustrada.

*Tensão implícita do coração vulnerável,  
Eu sonho com você e  
A solidão que você ocupa,*  
todos em óleo sobre tela, 2019.



Eu pinto predominantemente a figura masculina porque vejo um desequilíbrio no mundo em geral e no mundo da arte em particular. A arte costuma ser uma resposta às atitudes culturais predominantes, mas também uma criadora delas. Por meio do diálogo de uma pintura, perguntas podem ser feitas, respostas encontradas, atitudes alteradas. Escolher o homem nu nunca seria um caminho fácil de percorrer, mas desde uma das

primeiras pinturas que criei, sabia que seria o meu caminho. Da perspectiva de uma mulher cis heterossexual, posso usar minha arte para criar espaços para o masculino ser visto e se ver como vulnerável, desejável, bonito, posso interromper “o olhar” que cai tão fortemente sobre a forma feminina, e lutar contra a ideia de que a “beleza” da forma humana é encontrada predominantemente no feminino.



De Profundis Clamavi, óleo, cera  
fria e folha de ouro sobre tela, 2019.

Digo com toda a honestidade que estar presente com um ser humano nu (homem ou mulher) é tão normal para mim quanto respirar. Eu me envolvo sem nenhum sentimento de vergonha ou timidez e isso, por sua vez, permite que os modelos, profissionais ou não, se acomodem totalmente em sua pele e simplesmente “sejam eles mesmos” com total autenticidade. Isso é muito importante para mim e está no cerne do que me interessa. Infelizmente, o público ainda não chegou lá.

Em um mundo onde as regras da censura ainda insistem que o pênis não deve ser visto, mesmo em uma pintura, é uma luta difícil levar o trabalho para a arena pública. Eu gostaria de vender meu trabalho, mas as pessoas relutam em ter um nu masculino em casa, mesmo que não seja erótico. As pessoas costumam ficar surpresas e chocadas. Frequentemente, olham e logo desviam o olhar. A autocensura assume o controle, o que os impede de se envolver com a totalidade da pintura.

Acredito que um dia teremos um mundo onde nossa capacidade de ter a experiência plena de nossa humanidade não será definida por gênero. Para tal, as artistas podem começar por desafiar o preconceito implícito contra o nu masculino e corajosamente rever a totalidade do corpo masculino. Digo “corajosamente” porque as mulheres foram programadas para desviar o olhar, o pênis foi velado por um tabu por tanto tempo que temos que erradicar e banir aquela vergonha inerente que sentimos por olhar (e talvez desejar). O mundo não precisa de mais mulheres



Jesse em pé, óleo sobre MDF, 2016.

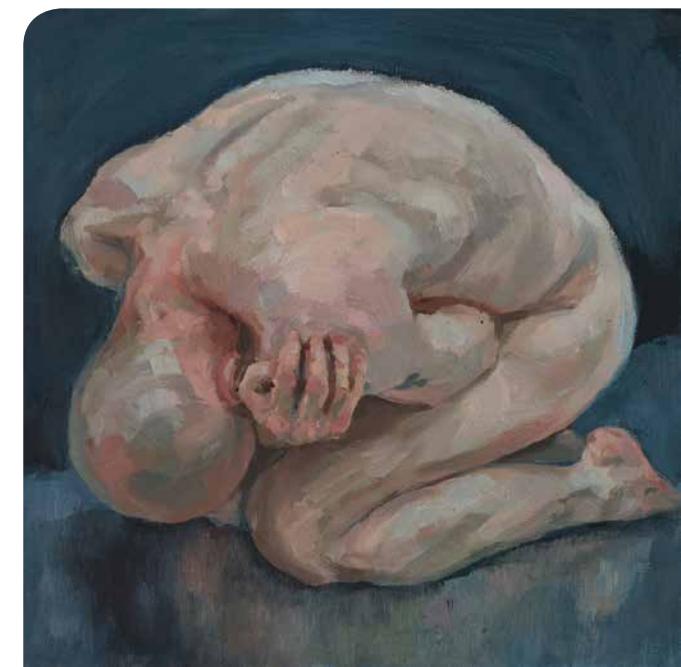
“vencendo os homens em seu próprio jogo”, provando que são tão capazes de empunhar todas as armas da masculinidade quanto um homem: é preciso um novo jogo com novas regras e jogadores iguais em todo o espectro. É preciso também que o espectador questione e explore seu preconceito implícito contra o nu masculino. Por que desviamos o olhar?

A visão do homem heterossexual ainda predomina nas normas culturais do Ocidente e esse foco centrado no masculino impede as mulheres de expressar e vivenciar sua própria realidade – o que pode incluir os homens como objetos de desejo. Desde o nascimento, as mulheres são bombardeadas com uma enxurrada de material projetado para estimular os impulsos sexuais masculinos, mensagens constantes de como a mulher deve “se apresentar” para o prazer masculino. Raramente existe reciprocidade e quase todas as formas de mídia são cúmplices nesse aspecto. A pornografia, por exemplo, em sua maioria, não é dirigida às mulheres.

Dadas essas circunstâncias, não é de surpreender que as mulheres tenham absorvido uma visão heterossexual centrada na retórica do homem que retratava suas musas porque o nu masculino é menos estético. Tivemos nosso próprio desejo suprimido e, assim, também nosso olhar que seria uma arma poderosa na reintrodução do equilíbrio entre os gêneros.

Estou sugerindo que o patriarcado programou essa desconexão da mulher de si mesma e de seu olhar em busca de controlar sua própria vulnerabilidade. Ser vulnerável é percebido como renúncia ao poder. Os homens sentem seu poder diminuído quando são vistos nus na Arte, uma vez que fizeram o mesmo com as mulheres ao longo das eras.

Tudo que eu peço, óleo em papel Hahnemühle, 2020.  
Um momento de graça, óleo em papel Hahnemühle, 2020.  
Lacrymosa, óleo sobre tela, 2019.





A dor que altera, carvão e óleo sobre tela, 2020.

*Se o pênis foi escondido para protegê-lo do olhar feminino, é em parte porque o homem está desconfortavelmente ciente de que, desde seu nascimento e infância, através da doença e da morte, a mulher, como mãe, amante e ama, conhece o corpo masculino em todas as condições, do minúsculo pênis ao órgão sexual ereto e ao apêndice flácido e exangue do pai ou marido idoso.*

Mira Schor em *Wet: On Painting, Feminism, and Art Culture*.



*A dor da ausência e do desejo, óleo sobre tela, 2018.*

18

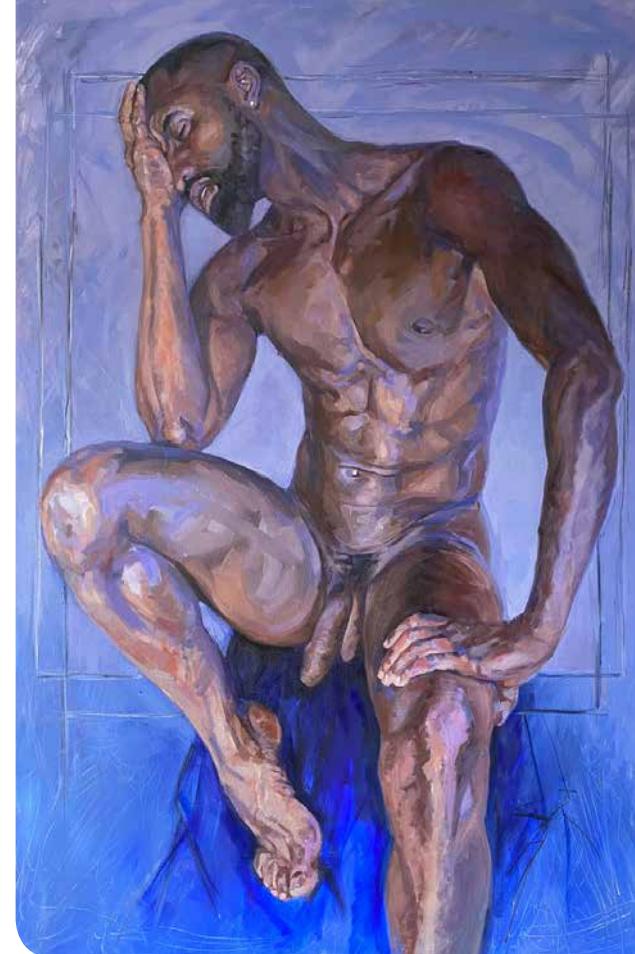
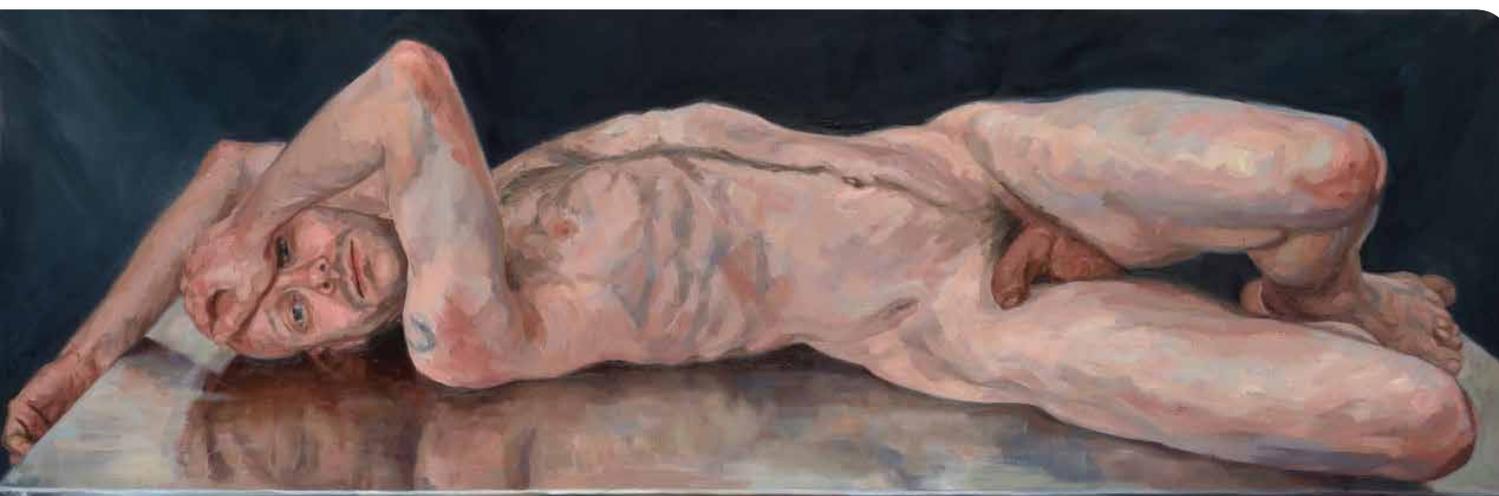
Todo o corpo masculino é importante para o meu trabalho, pois geralmente é a emoção de uma pose que me envolve. Não coloco especificamente o pênis como um ponto focal, simplesmente o realoco de volta para ser apenas uma parte normal do humano que experimenta essa emoção. Sem vergonha, sem alarde. Não procuro esconder, nem glorificar.

Vivemos em uma cultura falocêntrica, mas o conceito de “falo” como o centro de poder é muito reduzido se for separado da realidade física do próprio pênis. Tire o poder conceitual e tudo o que resta é uma peça muito vulnerável da anatomia humana. Por essa razão, eu não pinto ereções, mesmo achando um assunto válido. O o pênis ereto está muito próximo do conceito de falo que estou tentando enfraquecer.

Embora eu reconheça que meu tema pode às vezes contornar as bordas da arte erótica, pintar ereções o colocaria totalmente em um gênero que não ajudaria a desmascarar e normalizar o corpo masculino.

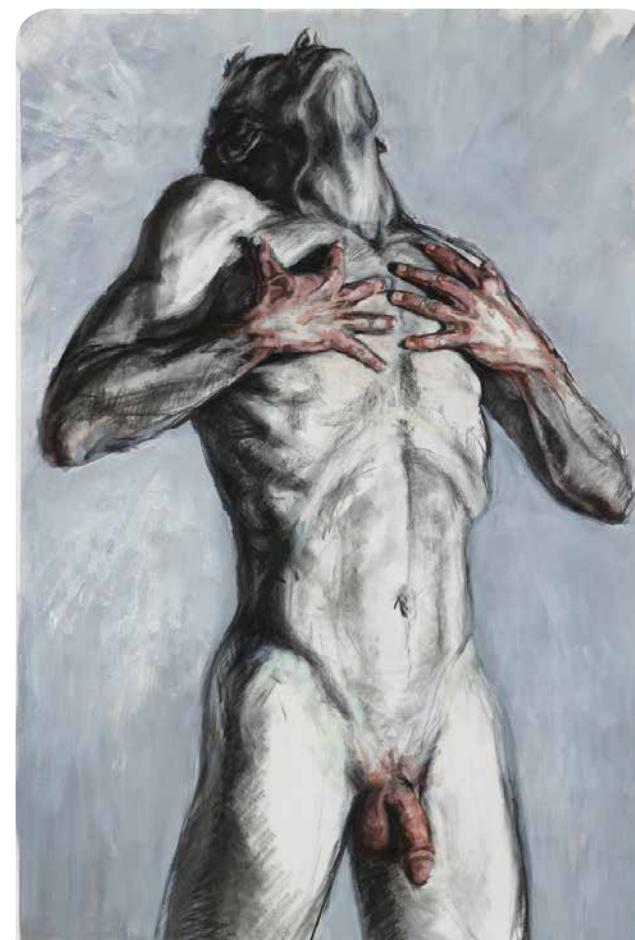
Quero deixar clara a humanidade do corpo masculino, livrando-o do peso trazido pela ideia de que ele é a imagem e a semelhança de um deus. Quero abrir um espaço através da arte onde todos possam ver o homem em um raro estado de vulnerabilidade intacta e a partir daí iniciar uma conversa mais ampla sobre a força esquecida de um feminino que não é mais subserviente ao masculino. Estou tentando uma “reintegração” no momento em que homens e meninos estão desmoronando sob a pressão da sociedade. As frustrações de ser forçado a se

*A eloquência do silêncio, óleo sobre tela, 2020.*



*Profundas águas, óleo sobre linho, 2021 (obra em produção).*

*Todas as lágrimas não choradas, carvão e óleo sobre papel, 2020.*



conformar a um ideal “viril” singular encontra uma saída na cultura difusa da “masculinidade tóxica”, uma masculinidade que é um perigo não apenas para mulheres e meninas, mas para qualquer humano que não se conforma com as normas de gênero socialmente construídas.

Por isso, acredito que precisamos de um mundo onde o feminino não seja definido em termos de carência (um pênis), mas onde os valores femininos sejam tão poderosos, desejáveis e reverenciados quanto o masculino. Somente quando nós formos capazes de assumir inteiramente os aspectos de nossa natureza divina, as guerras de gênero chegarão ao fim.

Até acho que a atual geração está a caminho disso, mas ainda enfrentamos muitos paradigmas culturais arraigados. Encontrei uma gama completa de reações à minha arte, de celebração e curiosidade à ofensa e raiva absoluta. Ter uma pintura ou desenho na arena pública geralmente causa algum tipo de agitação. Por exemplo, por vezes sou banida das redes sociais; quando minha arte foi exposta em Londres no ano passado, o conselho de Westminster educadamente pediu ao dono da galeria para removê-la da vitrine porque havia recebido reclamações (ele recusou); em minha formatura, um colecionador de arte me disse o quanto amava meu trabalho, mas nunca teria um homem nu em casa.

Portanto, para minha pequena parte como artista e mulher, estou olhando para trás, revisitando meu próprio olhar, devolvendo o pênis à sua humanidade original, sem objetivar ou diminuir, mas simplesmente amar, desejar e celebrar a beleza de uma forma que não é minha. Qualquer um que deseje abordar essa temática deve fazê-lo com autenticidade e integridade. É preciso ser fiel aos próprios valores e criar para desmistificar, desvelar, celebrar a totalidade do ser do outro. **8=D**

# Alexandra Rubinstein

texto da artista editado por Filipe Chagas



*Desenhe-me como uma de suas garotas francesas, óleo sobre tela, 2019.*

**N**asci em 1988 na Rússia, em 1988, filha de pai judeu. Como os russos são antissemitas, migramos para a América em 1997 como refugiados em busca de asilo. Tenho certeza de que ajudou ser branco e ter educação na área certa.

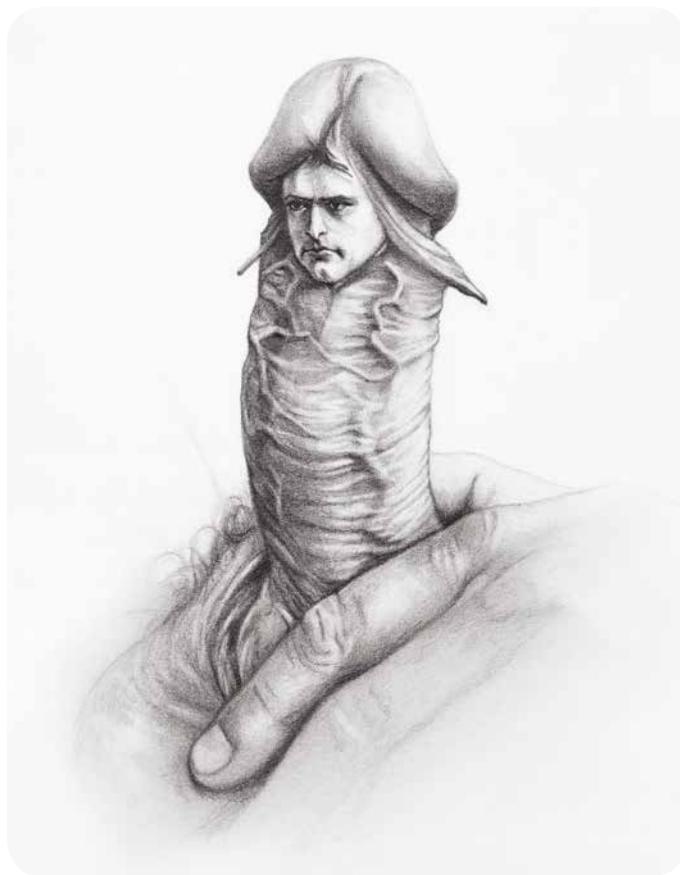
Os primeiros anos na América foram muito traumáticos e solitários. Levei muito tempo para aprender e assimilar a língua e ainda passar pela puberdade, enquanto meus pais estavam muito ocupados tentando estabelecer novas carreiras e lidando com seus próprios desafios para oferecer o suporte emocional de que eu precisava. Minha mãe, entretanto, sempre me incentivou a seguir a arte, o que acabou me levando para a Carnegie Mellon University.

Tive algum treinamento formal em desenho de figuras, teoria básica da cor e outros cursos introdutórios enquanto estava na escola, mas o programa da faculdade focava principalmente no desenvolvimento conceitual. E lá encontrei minha voz, onde realmente me senti como uma artista. Não tenho certeza se foi o espaço longe da família ou o apoio e validação de alguns dos meus professores, mas finalmente vi a arte como meu propósito.

22

Passei a me interessar em explorar a política de poder, especialmente em como ela se relaciona com o gênero. Minhas experiências e traumas estiveram intimamente ligadas ao meu corpo e à minha identidade como mulher cis. Minha aparência, sexualidade e feminilidade ou a falta delas foram usadas contra mim na tentativa de me privar de meu poder. Meu trabalho luta para recuperar esse poder e questionar os sistemas sociais, incluindo o patriarcado e a supremacia branca, que moldaram a sociedade ocidental.

Meu estilo não é particularmente consciente. Minha atração pela representação realista provavelmente vem da pressão interna para aderir às ideias tradicionais que fazem a arte, bem como o desejo de criar um trabalho que seja acessível a mais pessoas e otimizar minha oportunidade de validação. Qual artista não depende de validação externa, né?

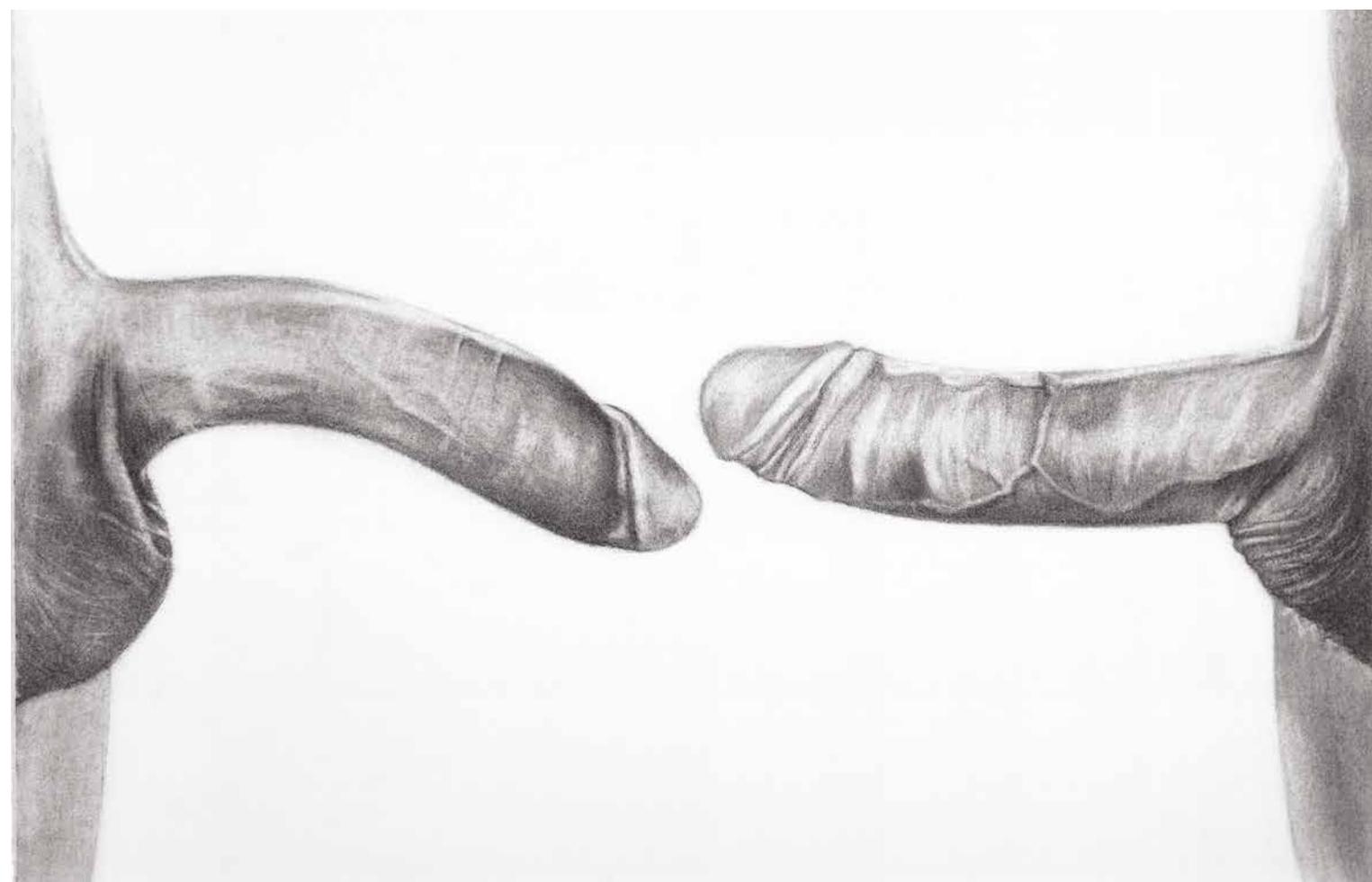


*Complexo de Napoleão 1 e 2, carvão e grafite sobre papel, 2020.*



*A criação do pau do Adão, carvão e grafite sobre papel, 2019. Em 2021, após a definição presidencial nos EUA, a artista postou a imagem acima nas redes sociais com o título "Transições pacíficas de poder na história".*

23





*Não se preocupe com nada que eles disseram, óleo sobre tela, 2020.*

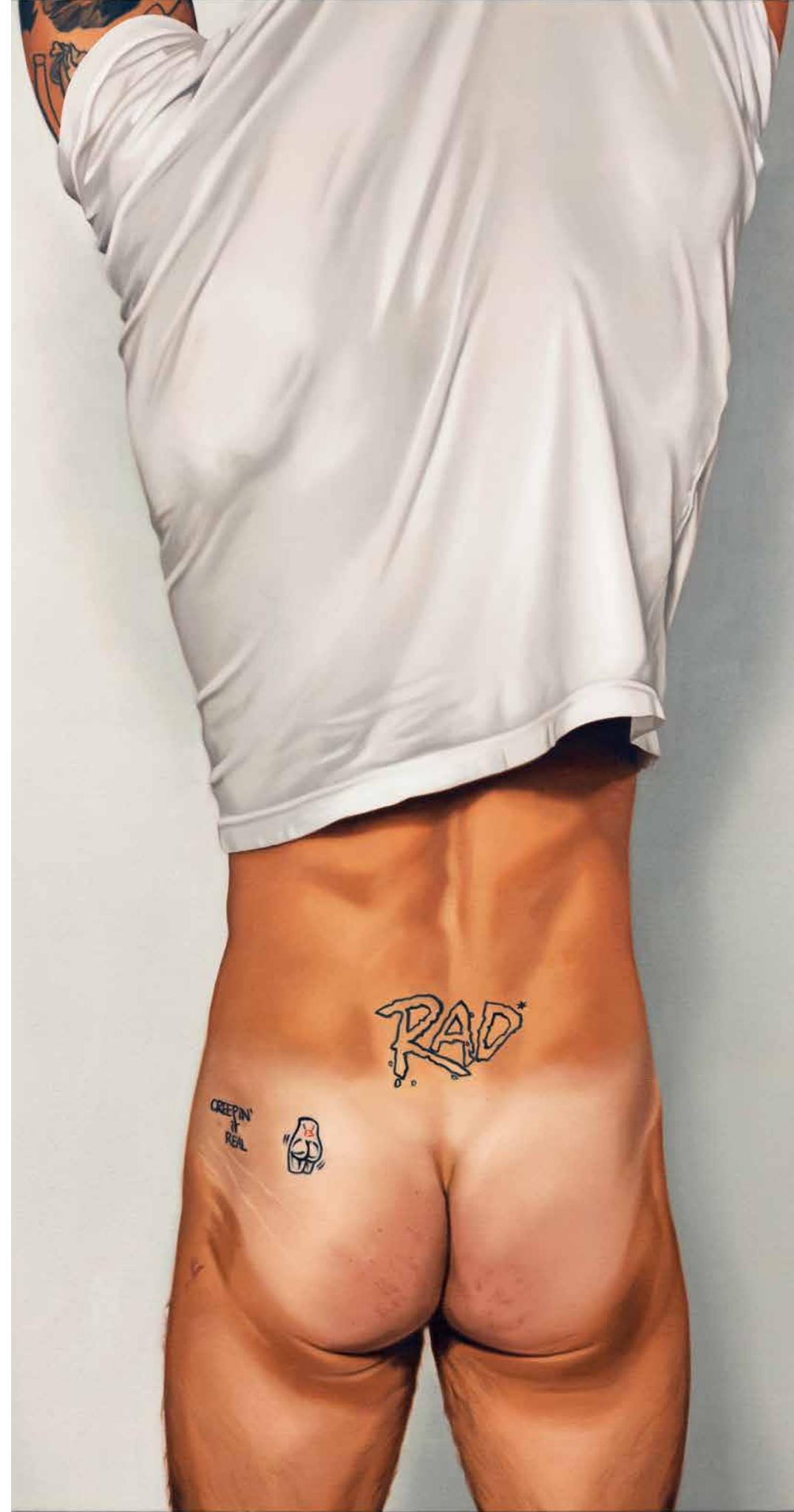


Estou constantemente pensando em diferentes imagens, combinações de palavras, materiais e tenho muitas notas em todos os meus dispositivos. Eu costumava esboçar muito mais quando era mais jovem, e era uma ótima maneira de conseguir minhas 10.000 horas e ficar realmente boa desenhando e pintando. Hoje em dia sou mais seletiva e geralmente acabo mergulhando de cabeça para pensar um pouco mais nas minhas ideias. Quando tenho ideias específicas para pinturas e desenhos, faço uma combinação de imagens encontradas e minhas no Photoshop. Também consigo criar uma boa referência de cores, pois misturar cores é uma arte própria. Quando me mudei para Nova York, trabalhei com edição de fotos. Retoque e impressão definitivamente influenciaram minha sensibilidade às cores, bem como aprimoraram meu conhecimento do corpo humano. Depois de ter a referência, estico a tela, misturo as tintas e mando ver.

Nem sempre pintei homens e mesmo agora não os chamaria de objetos de inspiração. Pra mim, honestamente, nada se destaca neles. Há muita representação visual de homens na Arte, mas eles não estão nus, vulneráveis, objetificados. Isso se deve em grande parte à maneira como vemos e internalizamos a beleza e a sexualidade. Além disso, a arte é governada por quem a compra e, enquanto a maior parte da riqueza for mantida por velhos brancos, em sua maioria heterossexuais ou enrustidos, continuaremos a ver muitos corpos cis femininos.

Na página anterior: *Diz que eu sou bonito*, óleo sobre tela (2019).

Ao lado: *Rosé o dia todo*, óleo sobre tela (2018).





Fale comigo, óleo sobre tela, 2019.



*Ceci n'est pas une pipe.*

Comecei a pintar homens porque estava cansada desse sistema, de corpos e rostos femininos sendo explorados historicamente por artistas masculinos, e atualmente por todos os artistas, fotógrafos de moda, produtores de cinema, etc. Nossa sociedade dá muito peso à aparência e sexualidade das mulheres, não apenas nos reduzindo a esses atributos, mas também usando-os para nos oprimir. Tentando nos regular e controlar por meio de padrões de beleza, cultura do estupro, controle de natalidade e restrições ao aborto. Enquanto formos o objeto, não somos o consumidor ou o artista, aquele que detém o poder. Dar aos homens visibilidade como tema na arte, coloca-os sob escrutínio e julgamento semelhantes, ao mesmo tempo que ilumina suas vulnerabilidades e inseguranças que reforçam essa estrutura social danosa.

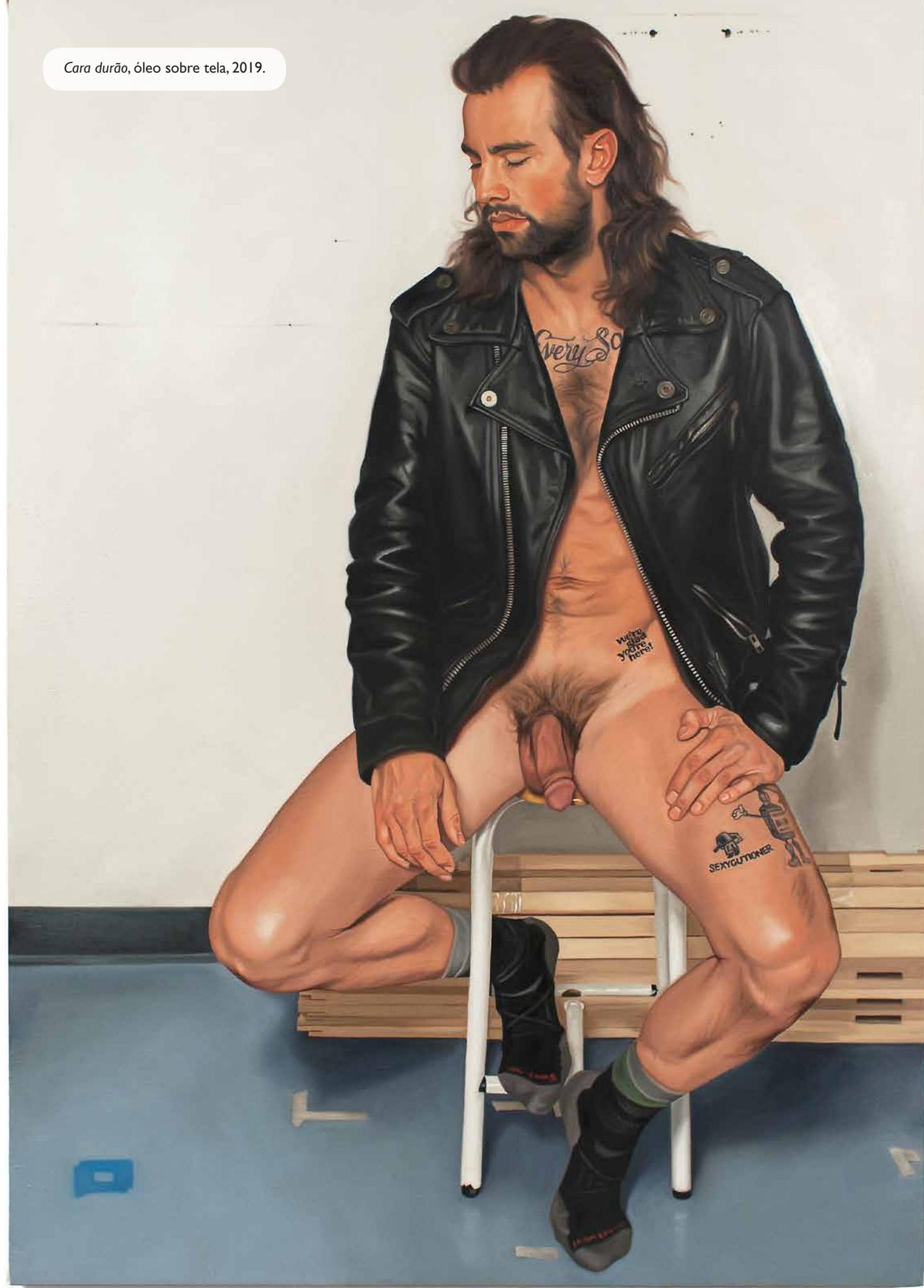


Faz-tudo, óleo sobre tela, 2019.

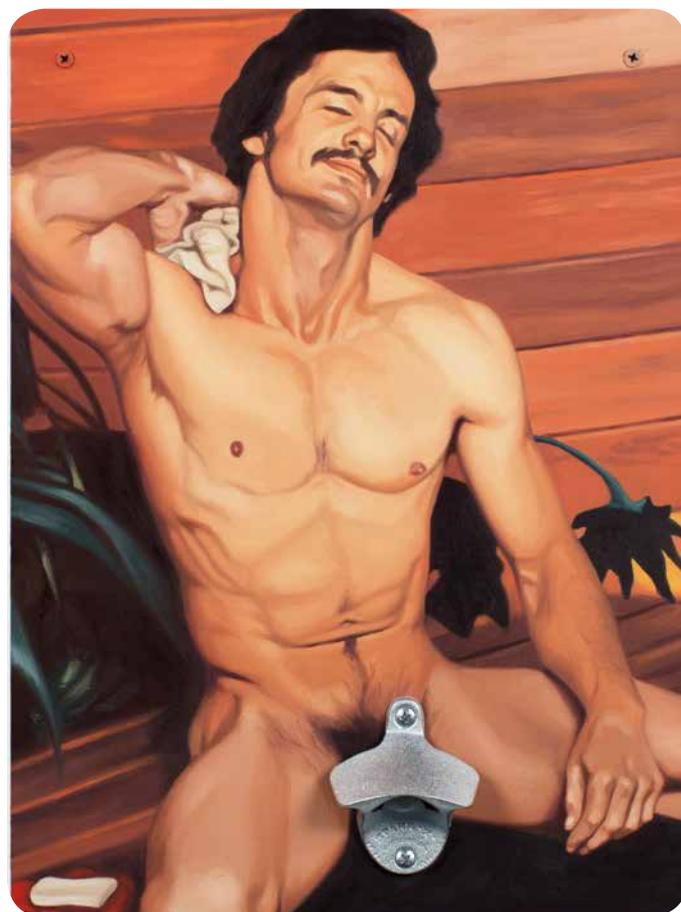
Nu branco americano, óleo sobre tela, 2020.



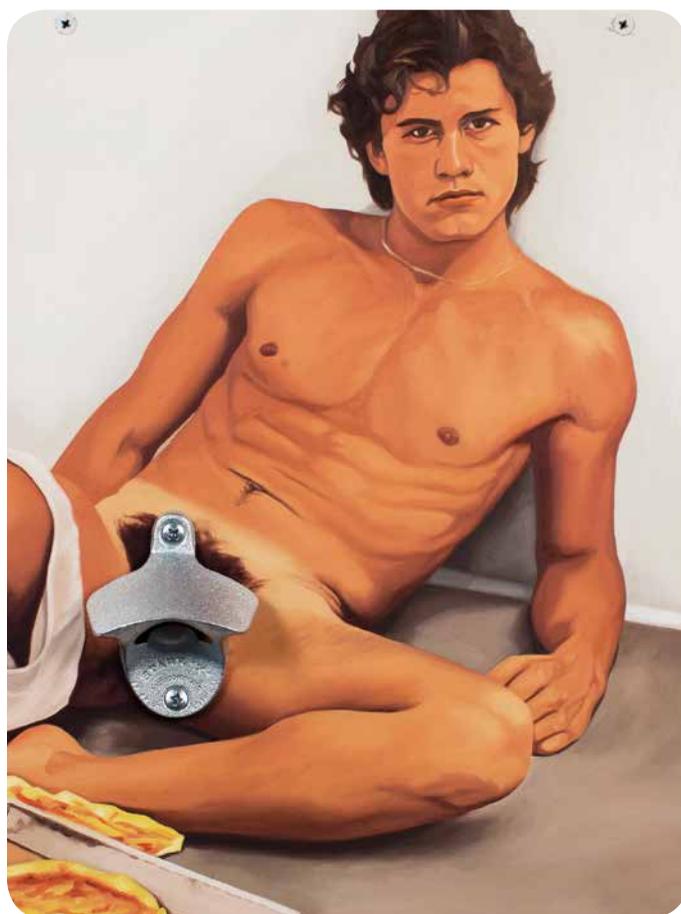
Cara durão, óleo sobre tela, 2019.



Estar na presença de qualquer nu quando se destina ao desenho e pintura de figuras é puramente profissional. Os pênis têm uma longa história de serem símbolos de opressão. Frequentemente, são lembretes indesejáveis de direitos e privilégios masculinos em um sistema patriarcal, e censurá-los ou não permitir que os vejamos em outros contextos fortalece seu poder. Ao representá-los de maneiras diferentes, espero tirar seu poder e usá-los para explorar as vulnerabilidades e fragilidades masculinas. E para fazer piadas de pau, claro.



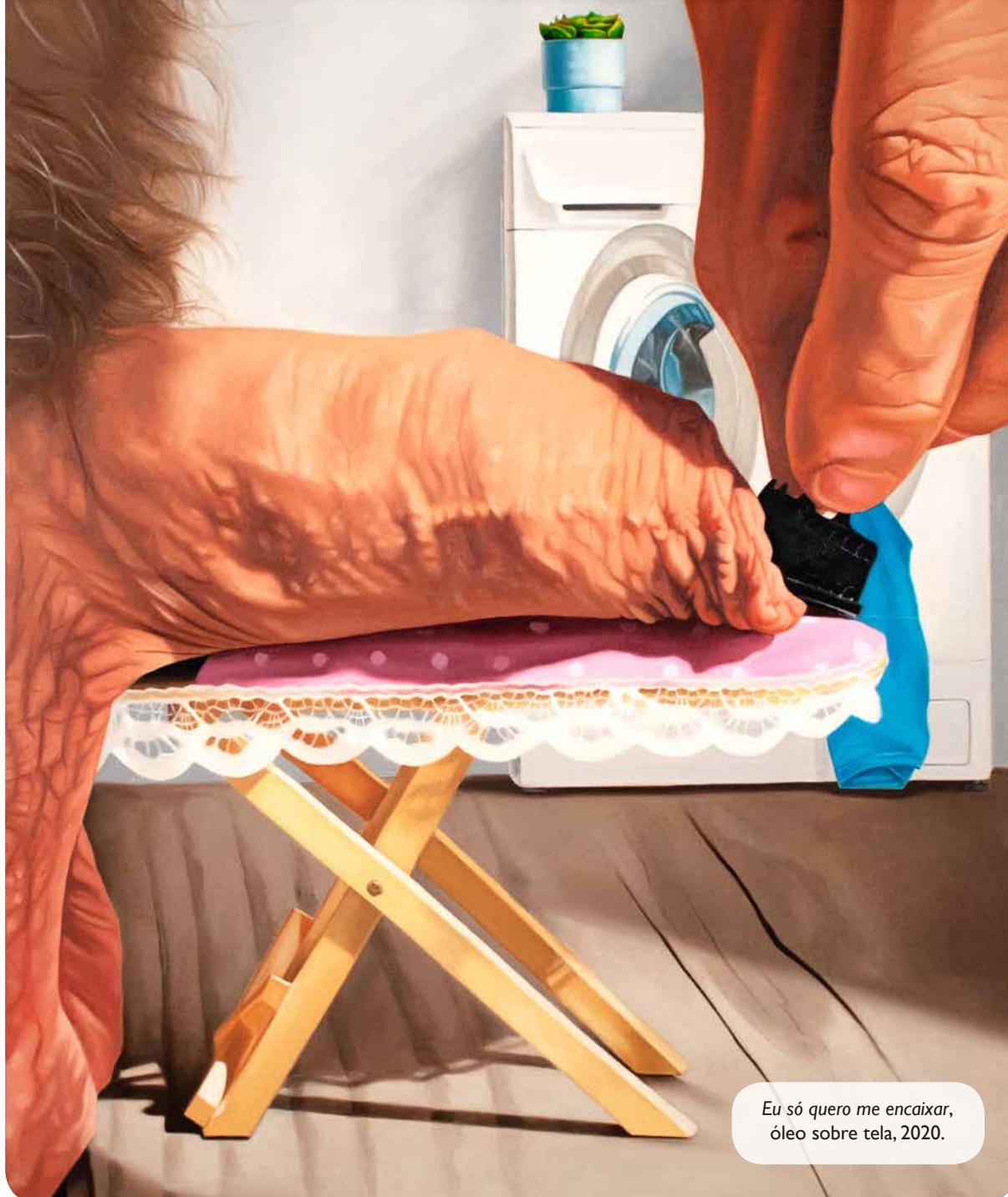
Série *Sedenta* (Greg, Rob e Max), óleo sobre painel, 2016. Essas obras foram pintadas em painéis com abridores de garrafa, que ficam exatamente no lugar da imagem do pênis, para adornar um dispositivo funcional e objetificar a forma masculina.



Acima: *Não há escassez de carne aqui*, óleo sobre máscara, 2020 (É a artista usando).

Abaixo: cartaz *Você viu? – O caso da pele desaparecida* (carvão e grafite sobre papel, 2019) e *Tábuas anti-corte* (óleo sobre madeira, colaboração com Michael Beitz, 2020).





*Eu só quero me encaixar,  
óleo sobre tela, 2020.*

Apesar de não ter encontrado nenhuma dificuldade pessoal – somente os trolls da internet que me dizem que eu deveria “100% ir para o inferno” –, às vezes parece que o mundo das artes está hesitante em aceitar meu trabalho com base no meu conteúdo. Acho que pode ser fácil para as pessoas descreverem trabalhos gráficos como puramente “eróticos”, bem como é mais difícil mostrar e vender nudez que não siga um script tradicional (isto é, peitos

femininos). Estou mais interessada no que os homens podem fazer pelas mulheres artistas no mundo da arte, sem esperar nada em troca.

Tenho certeza de que todos nós, artistas inseguras, nos sentimos assim. Todavia, devemos sobreviver a esta pandemia e apenas continuar trabalhando para mudar este mundo. **8=D**



# *Cirurgia plástica para você!*



*Dr. Alcemar Maia Souto*

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 [alcemarmaiasouto@gmail.com](mailto:alcemarmaiasouto@gmail.com)



# Laura Williams

texto da artista editado por Filipe Chagas

**N**asci na Nova Zelândia como caçula de quatro irmãos (tenho três irmãos mais velhos). Minha mãe e meu pai chegaram ao país separadamente no início dos anos 1950, minha mãe era de Dublin, na Irlanda, e meu pai de Cardiff, no País de Gales. Minha infância foi fortemente católica: fui ensinada por freiras até os 18 anos.

Beijo de Judas, acrílica sobre painel, 2020.

Como as escolas que frequentei não ensinavam arte, tive a sorte de minha mãe sempre ter trabalhado em livrarias e me manter continuamente abastecida com livros sobre arte, design e ilustração. Ela me transmitiu seu amor pela literatura e pelas biografias. Estava sempre lendo e falando sobre seus heróis, que eram predominantemente gays: Noel Coward, Joe Orton, Kenneth Williams, Dirk Bogarde, David Hockney e Christopher Isherwood. Ainda tenho vários dos livros que ela me deu, incluindo um sobre a arte do século 20 que apresentava a colagem *O que é que torna as casas de hoje tão diferentes, tão atraentes?*, de Richard Hamilton. Eu era obcecada por este trabalho quando criança e agora posso ver sua influência no meu trabalho atual. Todos esses escritores, teóricos, designers, ilustradores e artistas ajudaram a consolidar o meu estilo artístico e aparecem de alguma forma em minhas obras.

Sou formada em Sociologia com mestrado sobre trabalho emocional e emoções no trabalho. Desde que me formei em 2005, tenho trabalhado em sindicatos trabalhistas. Sempre pintei como hobby, até reunir meu currículo para me candidatar a uma residência artística em 2018. Ao revisar a lista de minhas exposições desde 2013, percebi que poderia me considerar uma artista ativa, não apenas uma organizadora sindical que pinta. Embora seja necessário equilibrar o trabalho em tempo integral com a pintura, acho que defender as pessoas em seus locais de trabalho equilibra a introspecção que minha prática de pintura exige. Também acho que um cheque de pagamento regular significa que posso isolar minha prática das demandas do mercado.

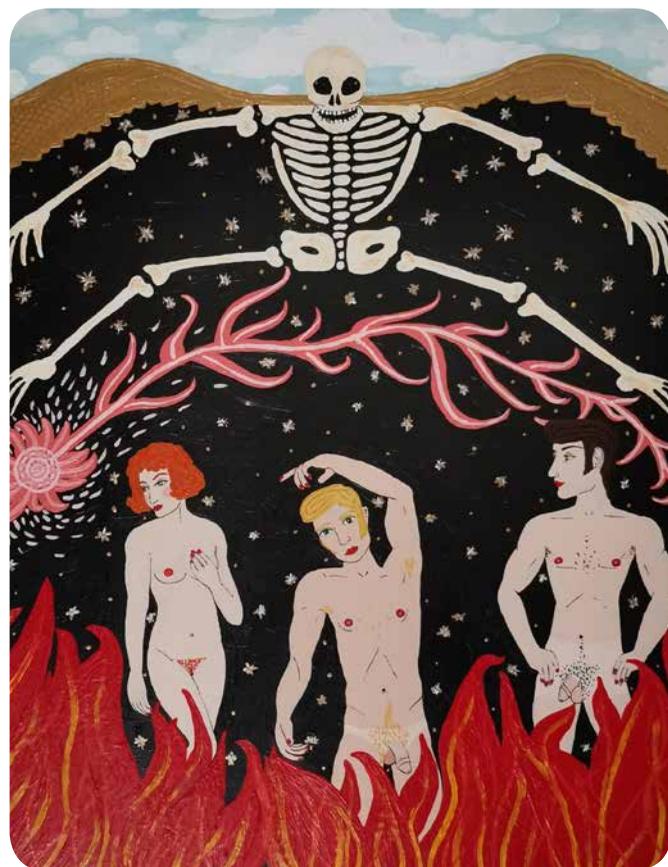
Crio, então, minhas representações figurativas naif a partir de memórias pessoais e sociais. Muitas das minhas pinturas são um ato de contestação artística ao ensaio de Walter Benjamin, *A Obra de Arte na Era da Reprodução Mecânica*, já que produz literalmente um palimpsesto de arte semelhante aos encontrados em muitas salas de estar de meados do século 20. Costumo utilizar gravuras antigas aderidas ao quadro, virando-as e reaproveitando-as como uma tela, retornando o trabalho à moldura original depois de concluído. No reverso das pinturas, então, estão essas gravuras produzidas em massa que disseminaram as obras de artistas como Gainsbourg, Rousseau, Picasso e Van Gogh.

Tenho mais ideias do que sou capaz de produzir. Por isso, faz parte do meu processo criativo colecionar uma mistura aleatória de flores, arte clássica, obras modernistas, antiguidades, cerâmicas, imagens de homens fortes, tecidos, pássaros e pequenos animais. Fiquei desapontada quando o Tumblr se tornou puritano, pois perdi muito material original.



Trazendo o Bacon pra casa, acrílica sobre painel, 2019.

Boca do Inferno, acrílica sobre painel, 2021.



*Take the Pastiche\** era o nome de uma das minhas primeiras exposições e agora se tornou meu apelido no Instagram. Este nome reflete não apenas minha intenção e abordagem ao assunto, mas também indica minha atitude irreverente.

\* Pastiche é uma obra literária ou artística em que se imita abertamente o estilo de outros escritores, pintores, músicos etc, sem querer satirizar ou criticar. É visto como uma espécie de colagem ou montagem.

Ao começar um novo trabalho, gosto de pensar em um título - geralmente um trocadilho ou um tópico bem elaborado. Após a pesquisa e a coleta do material, faço um esboço diretamente no quadro e, então, inicio a pintura que separo nos seguintes fluxos definidos: natureza morta, retratos de quartos e jardins do Éden subvertidos.

Essas pinturas subvertidas do Éden são minha visão da prática artística clássica de grupos de mulheres jovens, geralmente nuas, brincando em ambientes pastorais. Eu mostro homens adultos desfrutando de um paraíso idílico, livre de códigos normativos de comportamento e vestimenta. O fruto da árvore do conhecimento foi comido e uma comunidade Arcadiana se seguiu, enquanto a vergonha, as crenças puritanas e as admoestações são banidas. Minha expectativa é que os espectadores sejam confrontados com a suave normalidade da cena e que a inversão de gênero suscite a indagação, mesmo que inconsciente, sobre as razões de mulheres nuas em ambientes rurais serem para o benefício do observador macho voyeurístico, enquanto minhas pinturas são lidas como um mero coletivo de gays.

Chegando ao fim do Mar do Falo, acrílica sobre painel, 2020.





Jardim do Éden:  
Grandes maçãs, acrílica  
sobre painel, 2019.



Truta feliz, acrílica sobre linho, 2018.

Ser uma mulher que já passou dos 50 anos e pinta nus masculinos significa que me fazem muitas perguntas pueris. Recebo muitas provocações jocosas sobre por que escolhi pintar tanto pau. Tenho certeza de que os homens que pintam mulheres nuas não recebem o mesmo nível de escárnio.

Enquanto pinto brincadeiras flagrantemente nuas em jardins com abundantes imagens fálicas, meu objetivo é que os espectadores apreciem meu trabalho não tanto como um recurso erótico, mas sim porque vêem o amor e a normalidade que me esforço para capturar. Raramente pinto homens e mulheres juntos porque o objetivo é fazer com que as pessoas questionem suas suposições não reconhecidas: que um homem nu só pode ser lido como sexual, enquanto uma mulher nua é submissa e está lá apenas para o espectador olhar. Sou uma feminista que busca

questionar isso revertendo ativamente o que o espectador pode esperar ver. Ao dizer isso, meu trabalho não é uma tentativa de objetificar os homens, mas de pintá-los com o amor e o respeito que qualquer pessoa pode desejar ser retratada.

Gostaria de poder dizer que comecei com um propósito nobre, mas não. Na década de 1990, terminei com um namorado e, depois que ele se mudou, descobri uma caixa dele cheia de cards pornográficos. Resolvi cortá-los e fazer chaveiros que chamei de *Beaver Rings*. Eles venderam tão bem que alguns amigos do meu irmão me deram várias revistas antigas *Blueboy*, *Mandate* e *Honcho* para que eu pudesse diversificar e fazer versões masculinas. Eu os chamei de *Rim Rings* e eles foram mais uma vez, um grande sucesso. Gostaria de ainda ter aquelas revistas como recurso para pinturas.



Acima: São João Batista: *Palácio de Herodes*, acrílica em painel, 2020.

Abaixo: *Jardim do Steven*, acrílica em painel, 2016.



*Nas águas da Babilônia*, acrílica sobre linho, 2017.

de si mesmas há milênios e, portanto, estou retribuindo o favor; e, segundo, porque costumo usar pornografia gay vintage como referência, ou seja, estou literalmente apenas pintando o que vejo.

Sempre me pareceu perverso, especialmente crescendo na década de 1970 e sendo absorvida pela arte da contracultura daquela época, que uma sociedade patriarcal que se estende por milhares de anos, ainda tenha um medo pudico do pênis, tanto ereto quanto flácido. Ocasionalmente pinto ereções, pois não vejo razão para que o estado físico da excitação masculina não deva ser representado na arte. Uma ereção retratada por um artista não torna uma pintura pornográfica: é a representação

artística do corpo masculino capturado em um momento específico no tempo. Espero que ao normalizar o frontal masculino, as pessoas percebam que o céu não cairá e a sociedade não será desestabilizada.

Fiquei encantada com o fato da pintura *Meadow Larks* ter sido selecionada como finalista de um concurso nacional de arte em 2019. A pintura tem em seu centro quatro homens, três dos quais seguravam paus semi e eretos. Posteriormente, o trabalho ainda foi exibido no Museu de Waikato por quatro meses e recebeu uma resenha pela revista *Art New Zealand*:

*Um exame mais minucioso revelou um círculo edênico de masturbação, cercado por crocodilos e perus, parecendo símbolos renascentistas deslocados de perigo e fecundidade.*

Meu foco no nu masculino evoluiu naturalmente, enquanto eu prestava homenagem aos meus heróis. Uma das minhas primeiras pinturas era um São Francisco de Assis nu no coberto com pássaros e rodeado por coelhos e galinhas com inspiração em Tom of Finland e Bob Mizer. Quero que os homens que pinto expressem amor, aceitação e comunidade. Consigo isso por meio de atitude, posicionamento e postura. O corpo nu é vulnerável, mesmo um corpo masculino musculoso quando retratado ao ar livre em um paraíso exuberante. Em sua essência, meus trabalhos alternativos no Éden visam desafiar o padrão dominante de uma forma que engendre amor e alegria.

Muitas vezes me perguntam por que eu pinto meus homens com pênis tão grandes. Respondo que, primeiro, porque as mulheres têm visto representações impossivelmente idealizadas

Meadow Larks  
(Cotovias do Prado),  
acrílica sobre  
painel, 2019.





Anúncio: Maria fica grávida, acrílica sobre painel, 2020.



Filho amado, acrílica sobre painel, 2019.

Desde o início eu adorei as reações das pessoas ao meu trabalho. Gosto de confundir tanto homens quanto mulheres que se irritam ao ver a nudez masculina e/ou referências ao erotismo masculino, mas não teriam problemas em ver mulheres nuas na arte. Quero chamar a atenção para esses padrões duplos da nudez na arte. A maioria das pessoas quer olhar, mas tem medo de parecer excessivamente interessada. O público já está aclimatado com a forma feminina nua, mas menos com o masculino nu.

Inclusive, já parei de expor em uma galeria porque eles estavam filtrando meu trabalho: pixelaram os órgãos genitais em pinturas nas redes sociais e se recusaram a mostrar alguns deles publicamente. Dessa forma, busquei uma galeria que mostrasse o meu trabalho em toda sua glória.

Tenho notado um aumento no número de pessoas enviando mensagens positivas sobre o meu trabalho, juntamente com um aumento no número de mulheres que gostam do meu trabalho. Nos últimos dois anos, fui selecionada como finalista em vários prêmios nacionais de arte, fui incluída em três exposições coletivas selecionadas em Nova York e recebi algumas residências artísticas nos EUA. Para mim, essas conquistas apontam para uma aceitação mais ampla do nu masculino, especialmente na Nova Zelândia, que é tipicamente bastante conservadora e não dá o devido respeito aos artistas autodidatas e figurativos. No entanto, ainda não encontrei muitos artistas no país pintando nus masculinos, muito menos frontal completo.

Acredito firmemente que é possível fazer uma afirmação feminista ao mesmo tempo que normalizar o nu masculino. Espero que minhas obras demonstrem meu carinho pelos homens e o profundo respeito que tenho pelas pessoas que me inspiraram. **8=D**



**Gato de Praia**  
Para todas as cores.

Modelo: Davi Barcelos





**M**eu nome é Grace Allison Perkins. Sou filha de pais caribenhos – meu pai é de Porto Rico e minha mãe, de St. Croix, nas Ilhas Virgens –, mas nasci e cresci no centro do Texas, onde resido agora. Eu honestamente me reconheço como artista desde criança. Tenho fixação em desenhar e pintar desde que me lembro. Por volta dos 12 anos comecei a aprender a desenhar a partir de tutoriais online e entendi que meu objetivo na vida era criar arte. Quis aprender mais sobre arte e me formei em Ilustração com especialização em Gravura na Savannah College of Art and Design em Atlanta.

# Grace Allison Perkins

Tenho me concentrado na forma humana por pelo menos 10 anos, pois venho tentando tornar sua representação a mais emotiva e expressiva possível em meu trabalho. Transmitir emoções e sensações é absolutamente crítico em meus desenhos. Talvez por isso eu goste tanto de desenhar pernas, porque acho que, junto com os braços, são capazes de expressar a linguagem corporal desejada.

Me perguntei, então: “como faço para que gestos e interações pareçam reais sem depender do realismo?”. Procurei um estilo único capaz de fazer com que expressões, gestos e interações pareçam naturais, expressivos e fluidos em todos os tipos de corpos que, independente da técnica, mas depende da emoção ou momento que estou tentando registrar. Por exemplo, eu não usaria traços grossos e largos em uma obra que exigisse linhas mais suaves e delicadas para criar uma aparência de sonho ou nuvem.

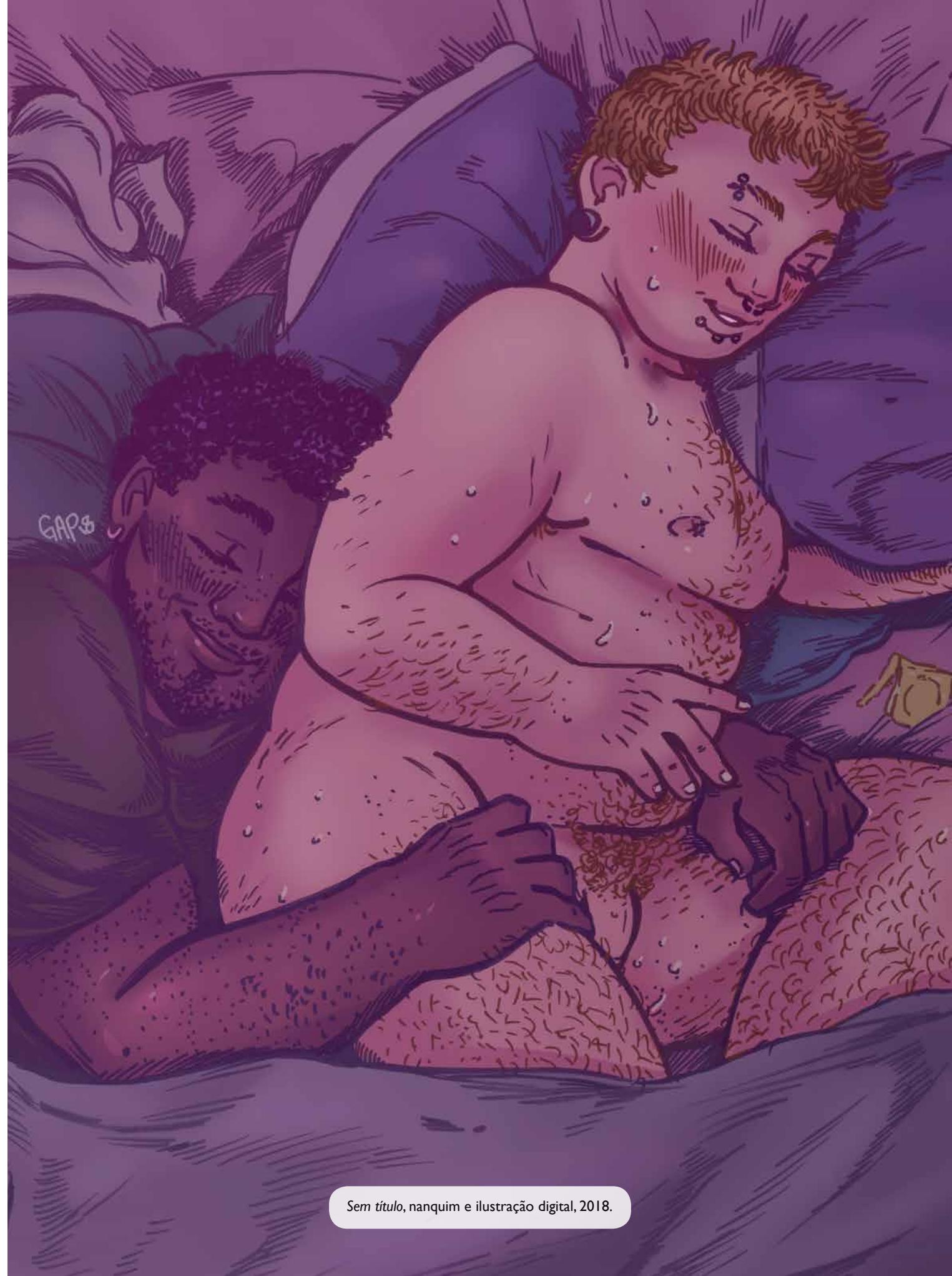
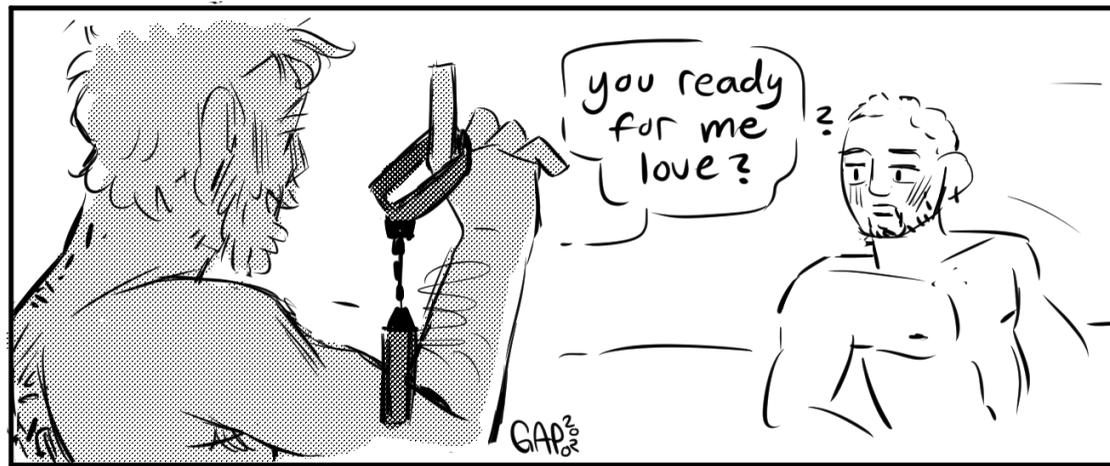
Em trabalhos comissionados, geralmente gasto bastante tempo escrevendo ou rascunhando ideias conforme elas surgem e as uso quando estou pronta para começar a trabalhar no desenho ou narrativa finais. Por outro lado, em desenhos pessoais e alguns quadrinhos, vou direto ao desenho da ideia que está basicamente flutuando na minha cabeça. Alguns processos são mais longos e cautelosos, especialmente quando se trata de projetos que estão mais próximos de mim. Quanto mais rígido ou estrito parece meu processo, pior eu me sinto em relação à criação, e o resultado final nem sempre é tão satisfatório. Se alguma vez fico presa em uma pose,



gesto ou simplesmente não sei o que desenhar, recorro à referência de fotos ou talvez assista ou leia algo que me dê alguma positividade.

Para mim, a parte mais importante do meu processo criativo é estar ciente de quanto uma ideia pode mudar à medida que você trabalha nela. Nunca me apego aos meus pensamentos e histórias, pois acredito ficar inautêntico se eu focar apenas nos meus próprios interesses e ambiente. Então, tenho a mentalidade de que descobrir inspirações e consumir outras informações podem impulsionar meu rascunho inicial. Amo desenho animado e quadrinhos, e extraio muito destas formas de arte para os meus desenhos. Muito do meu estilo é derivado dos desenhos animados do início de 2000, particularmente de *Samurai Jack*. Quando o assunto é história e desenho de pessoas, minha inspiração em geral vem do trabalho de E. K. Weaver, criador da série *The Less Than Epic Adventures of T.J. and Amal*.

Um dos meus objetivos artísticos é normalizar narrativas queer positivas em quadrinhos e outras formas de mídia. Acredito que seja importante escrever histórias com as quais as pessoas possam se conectar, independentemente de sua sexualidade, gênero, raça, origem étnica ou situação econômica. Gosto de compartilhar representações de relacionamentos queer que enfatizam o amor, a intimidade e o companheirismo sem o uso de clichês e estereótipos prejudiciais. Todos os tipos de corpos, gêneros, sexualidades e personalidades devem ser celebrados!



Acho que é válido para mim, uma mulher queer, representar dois homens apaixonados um pelo outro da maneira mais positiva e autêntica possível, sem ser visivelmente masculino ou possuindo órgãos genitais específicos. Para mim, nunca foi puramente sobre o sexo ou sexo físico dos meus personagens. São apenas personagens que se sentem confortáveis com seus diferentes tipos de corpo enquanto exploram várias formas de intimidade e se conectam fisicamente, emocionalmente e sexualmente de maneiras saudáveis.

Contudo, não acho que as vozes e representações das formas masculinas por mulheres sejam mais íntimas e superiores de qualquer forma. Não existe uma única maneira

que faz um homem ou o que faz a masculinidade. As representações dos homens mudaram na arte devido ao aumento da visibilidade de perspectivas diferentes daquelas consideradas formas de masculinidade socialmente aceitáveis. Eu provavelmente nunca teria pensado que me sentiria confortável desenhando formas masculinas com traços e comportamentos também femininos se não visse outros artistas (de vários gêneros) mostrando evidências de fluidez de gênero em seus trabalhos. Ao oferecer uma perspectiva artística variada e solidária, as mulheres podem ajudar a rever o conceito de masculinidade bem como gerar representatividade para aqueles que buscam espaço e validação.

Laços, nanquim, 2018.



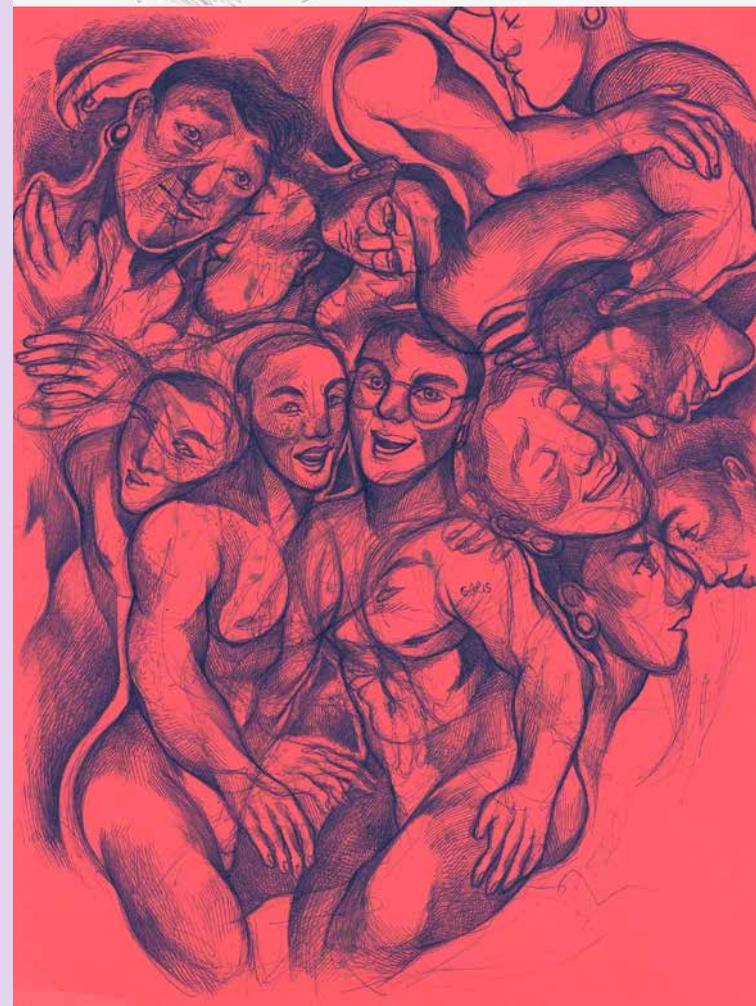
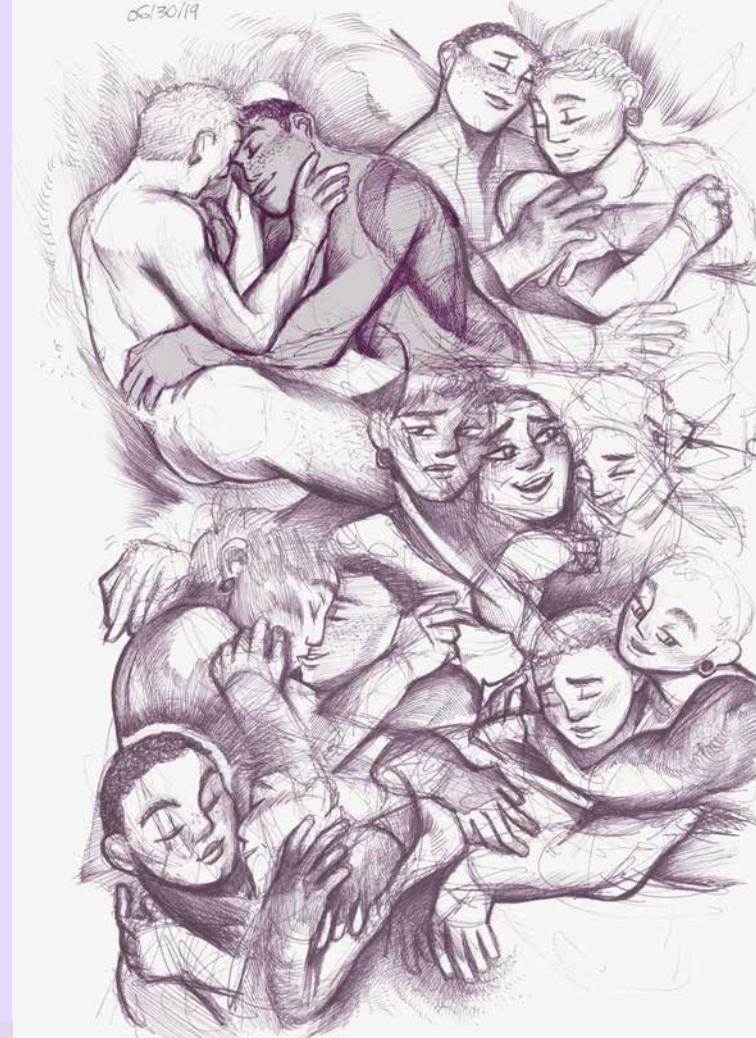
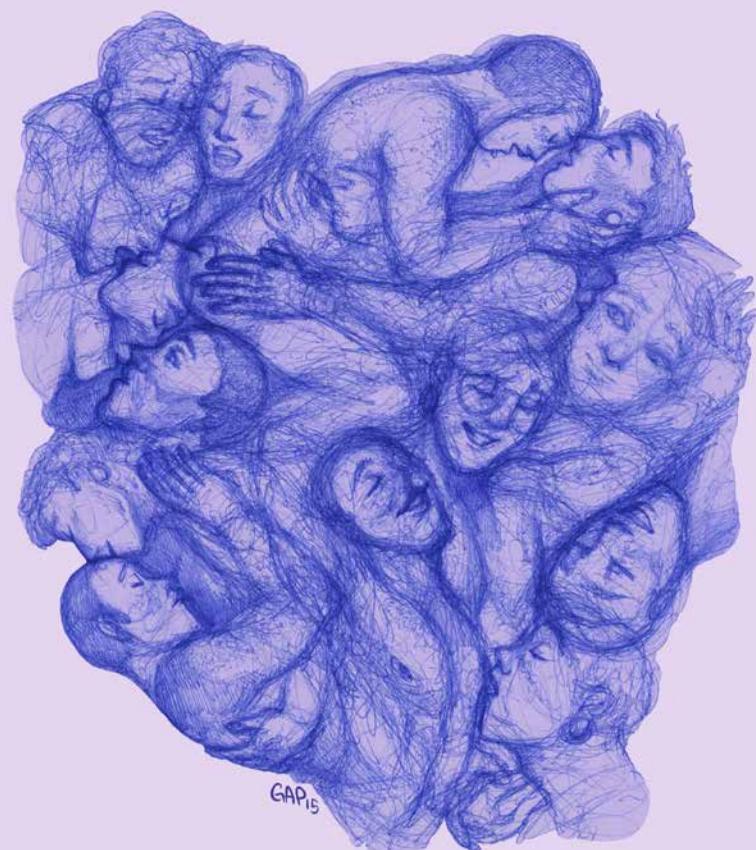
58



Fique de óculos, ilustração digital, 2021.

Provoco as pessoas a se perguntarem: por que as representações da intimidade e nudez masculinas são vistas como incômodas ou indecentes em comparação com a intimidade e nudez femininas? O objetivo desta pergunta é pensar criticamente sobre a existência desse estranho padrão duplo... principalmente devido à homofobia e normalização da sexualização das formas femininas.

Eu adoro desenhar mulheres, mas eu tinha tanto medo de confrontar o que eu sentia sobre minha própria aparência que permiti que isso influenciasse a maneira como desenhava corpos femininos. Levei anos para superar o ódio ao meu próprio corpo e as críticas sobre o quão masculinas minhas personagens femininas pareciam e vice-versa. Por exemplo, costumam dizer que meus personagens masculinos tem cílios grandes e isso os feminiliza... Ainda recebo alguns comentários homofóbicos em desenhos que mostram a intimidade entre homens ou quando consideram inaceitável a representação de um pênis flácido, mas aceitam a nudez feminina... provas do quão enraizado está o pensamento binário. Vou expressar que gravito em direção à forma masculina porque, embora eu seja uma mulher e me identifique totalmente como mulher, sinto que partes da minha personalidade geralmente gravitam em torno de traços masculinos e representações de corpos masculinos.



Peguei, então, as críticas feitas por aqueles que não podiam pensar fora do escopo binário de gênero como uma oportunidade de abraçar plenamente como eu estava desenhando pessoas. Isso me levou a outros artistas ansiosos para discutir o estado da nudez masculina e do gênero na Arte. Mesmo com as interpretações variadas e particulares sobre meu trabalho, aqueles que estão interessados no conceito costumam ficar satisfeitos com a clareza da mensagem que produzo.

A nudez não sexual na arte deve ser considerada natural, independentemente do gênero ou da orientação sexual do espectador e da representação. É preciso confrontar isso com a mente puramente aberta. Por mais que eu encoraje todas as possibilidades visuais e temáticas, não acho que as pessoas estão prontas para lidar com uma ereção, já que ela traria algo automaticamente sexual à imagem mesmo que o modelo estivesse sem fazer nada em particular ou relacionado ao sexo. A aceitação provavelmente virá quando mais pessoas forem capazes de desconectar sexo físico e gênero na maneira como percebemos os corpos representados na Arte.

Na página ao lado acima, *Grupo de Calor*, caneta esferográfica e ilustração digital, 2019; e, abaixo, *Grupo de Calor II*, caneta esferográfica.

Nesta página acima, *Grupo de Abraços*, caneta esferográfica e ilustração digital, 2019; e, ao lado, *Grupo de Paixão*, caneta esferográfica, 2015.



Luz do sol, ilustração digital, 2021.



Deitados, grafite, 2017.

Só para ficar claro: meus sentimentos pessoais estão bem distantes do que as representações comuns das mulheres nos dizem que devemos sentir sobre nossos corpos, da misoginia internalizada ou de qualquer outro ódio a si mesmo que venha da objetificação e de padrões irreais de beleza. É inteiramente possível e válido para os homens exibirem traços e comportamentos femininos enquanto ainda parecem masculinos (de acordo com os padrões comuns). É inteiramente possível e válido que as mulheres exibam traços e comportamentos mais masculinos e ainda sejam mulheres, não importa que cultura ou padrões rígidos nos digam o que devemos ser. Sempre estarei fazendo arte e quadrinhos que, espero, tragam algum tipo de positividade para as pessoas - independente de gênero ou orientação sexual - que se envolvem com eles. **8=D**





# Marta Jedlińska

texto da artista editado por Filipe Chagas

**D**esenho e arte são minha paixão por toda a minha vida. Eu desenhei quando criança, me graduei em artes plásticas quando jovem, trabalhei como designer gráfica quando adulta. Meu estilo foi mudando com o tempo e com a minha necessidade de expressão, mas foram as redes sociais que fizeram com que eu me visse como artista.



Mesmo desenhando constantemente, eu não apreciava os meus resultados, não acreditava em mim. Aqui na Polônia, especialmente na década de 1990 em uma cidade do interior, família, professores, sociedade... tudo dificultava uma mulher de ser artista. As redes sociais permitiram que meu trabalho saísse daqui para o mundo. Comecei a receber um retorno extremamente positivo que alimentou o meu ego e me fez – porque não? – famosa! Aos poucos, fui me livrando das opiniões alheias e abrindo minha cabeça até me sentir livre para me expressar do jeito que eu queria.

Após o término de um namoro em 2017, criei uma conta no Tinder e muitos homens me enviavam suas fotos íntimas sem eu ter solicitado. Eu não sabia o que fazer com aquilo, com essa necessidade masculina de mostrar o pênis, como se a sociedade fosse tão opressora

com eles em relação a isso que eles sempre dão um jeito de mostrar o que deve ser escondido.

Eu penso que, em nossa cultura patriarcal, o pênis tem um lugar especial, um papel especial. Faz você ter mais dinheiro, melhores cargos, mais respeito, mais poder. Ao mesmo tempo, é um símbolo de vulnerabilidade, de violência. Enquanto isso, nós mulheres aprendemos que precisamos ficar atentas ao nosso corpo, peso, presença na sociedade, além de ter cuidado extremo com o pênis, já que ele tem todo esse poder e ainda pode nos machucar.

Ainda não tive uma resposta dos homens que me mandam fotos do porquê eles fazem isso e de ser sempre um close no pau ao invés do corpo inteiro. Sei que tem o fator desejo, do flerte machista só pra me ver nua. Porém, ainda tenho alguma dificuldade de entender isso, pois

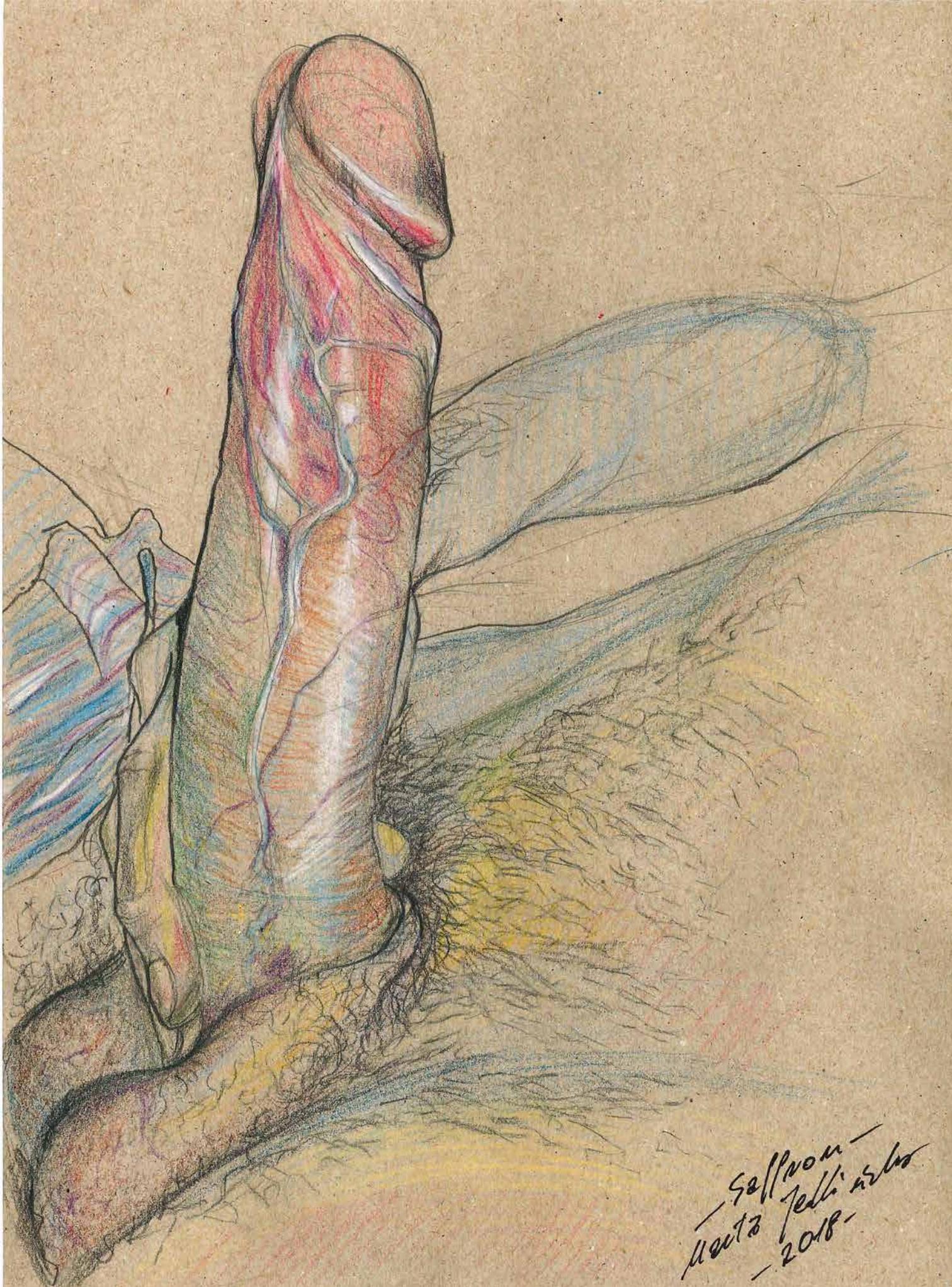
vejo o corpo humano como uma pessoa completa, com coisas boas e ruins. Um pênis ou uma vagina não determinam a beleza ou o caráter de uma pessoa, muito menos guardam os mais profundos segredos.

Entretanto, eu acredito que os homens se sentem completos em seus corpos, ou seja, cada parte deles é uma representação do todo. Assim, mostrar o pau é como estar mostrando tudo de si, toda sua masculinidade, toda sua personalidade. Já as mulheres parecem incompletas, divididas em duas partes – mente e corpo – como se fossem um objeto à venda.

Bom... depois de conversar com alguns amigos do meu curso de yoga e mostrar alguns esboços que havia feito das fotos que recebi, em maio de 2018, resolvi criar uma conta anônima no

*Marta Zollińska  
- 58/Phon-over -  
- 2018 -*

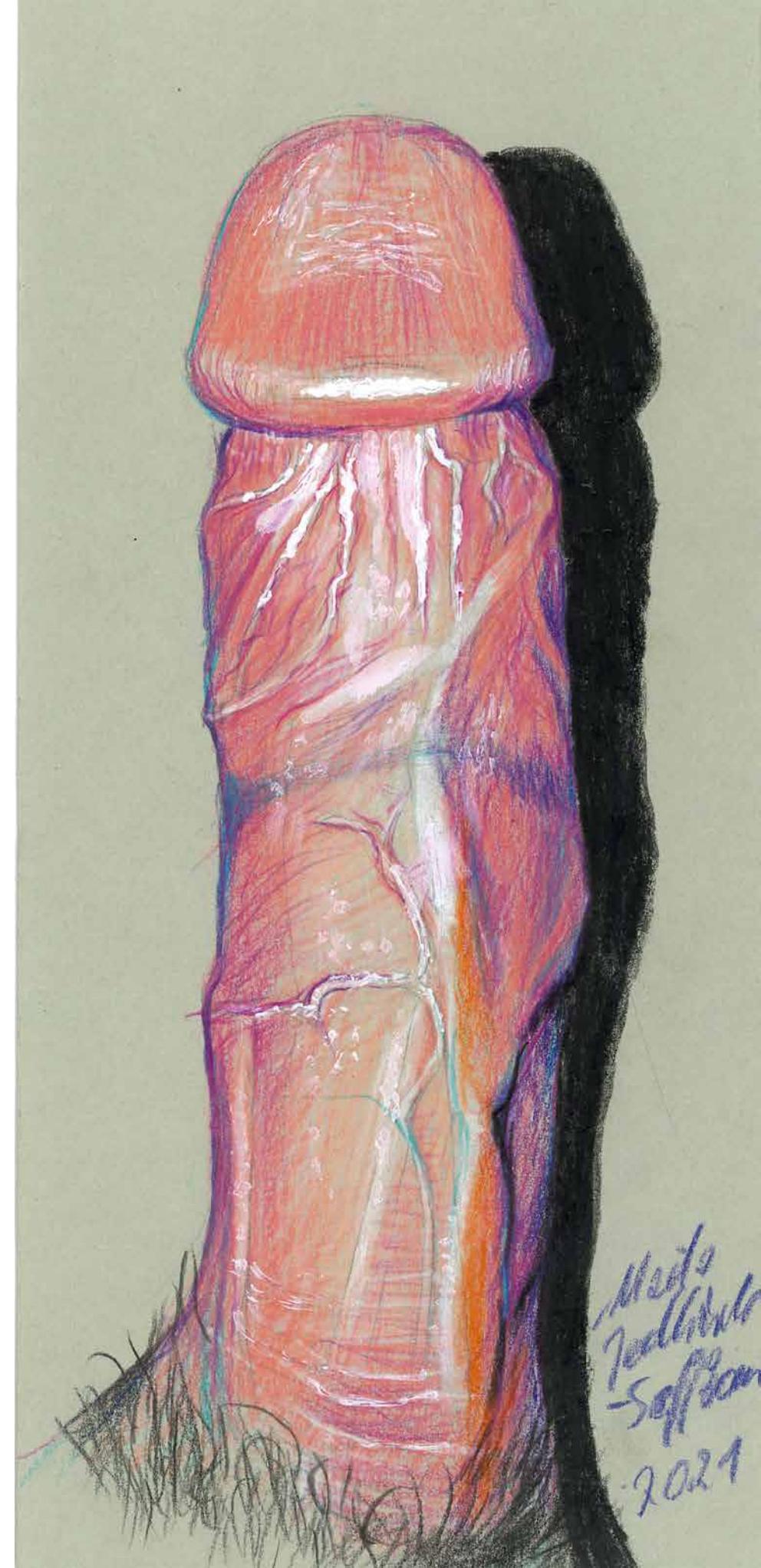




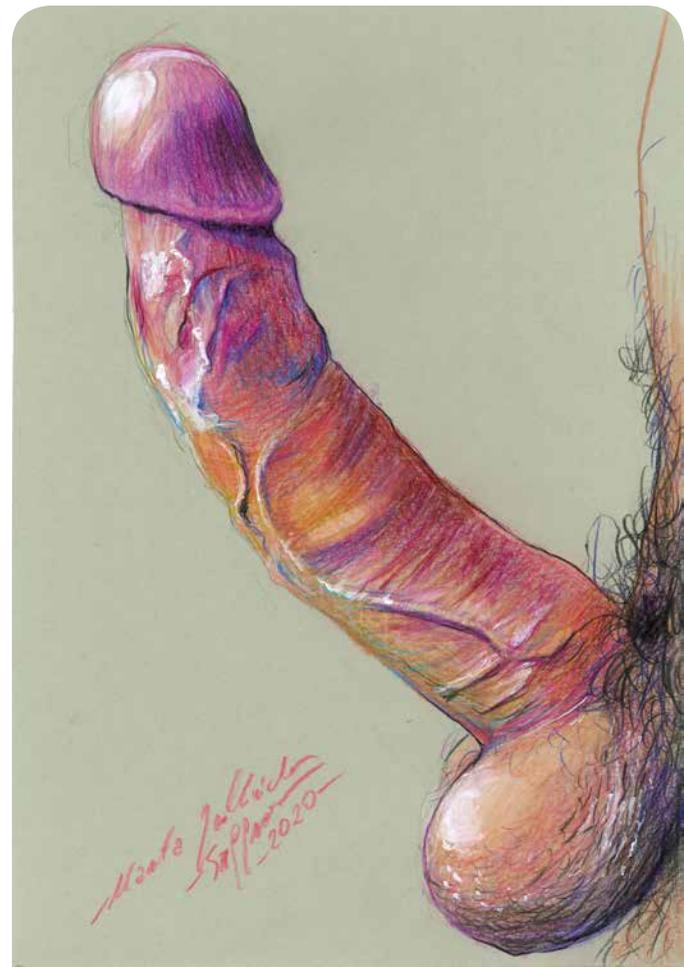
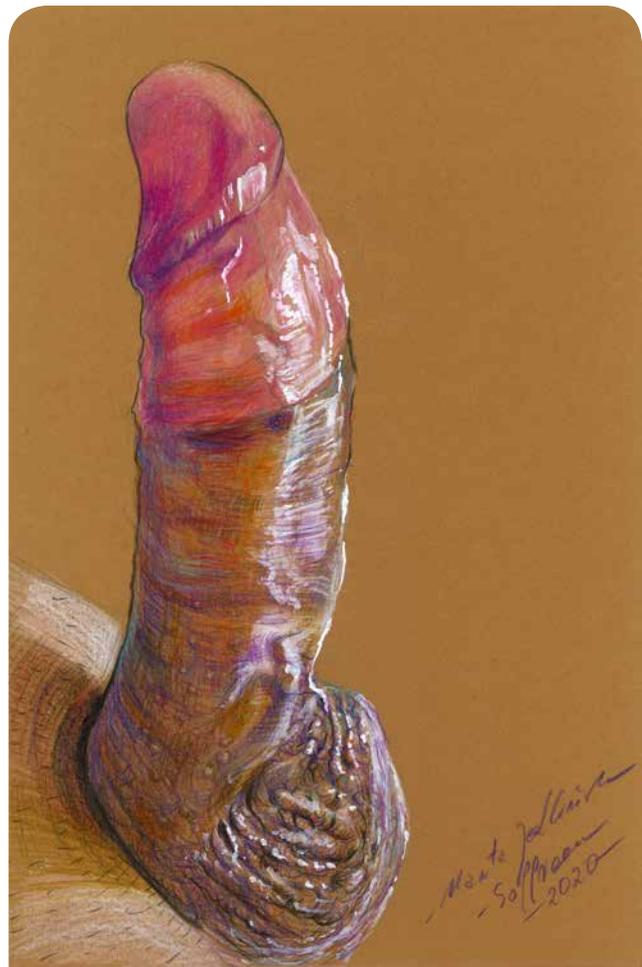
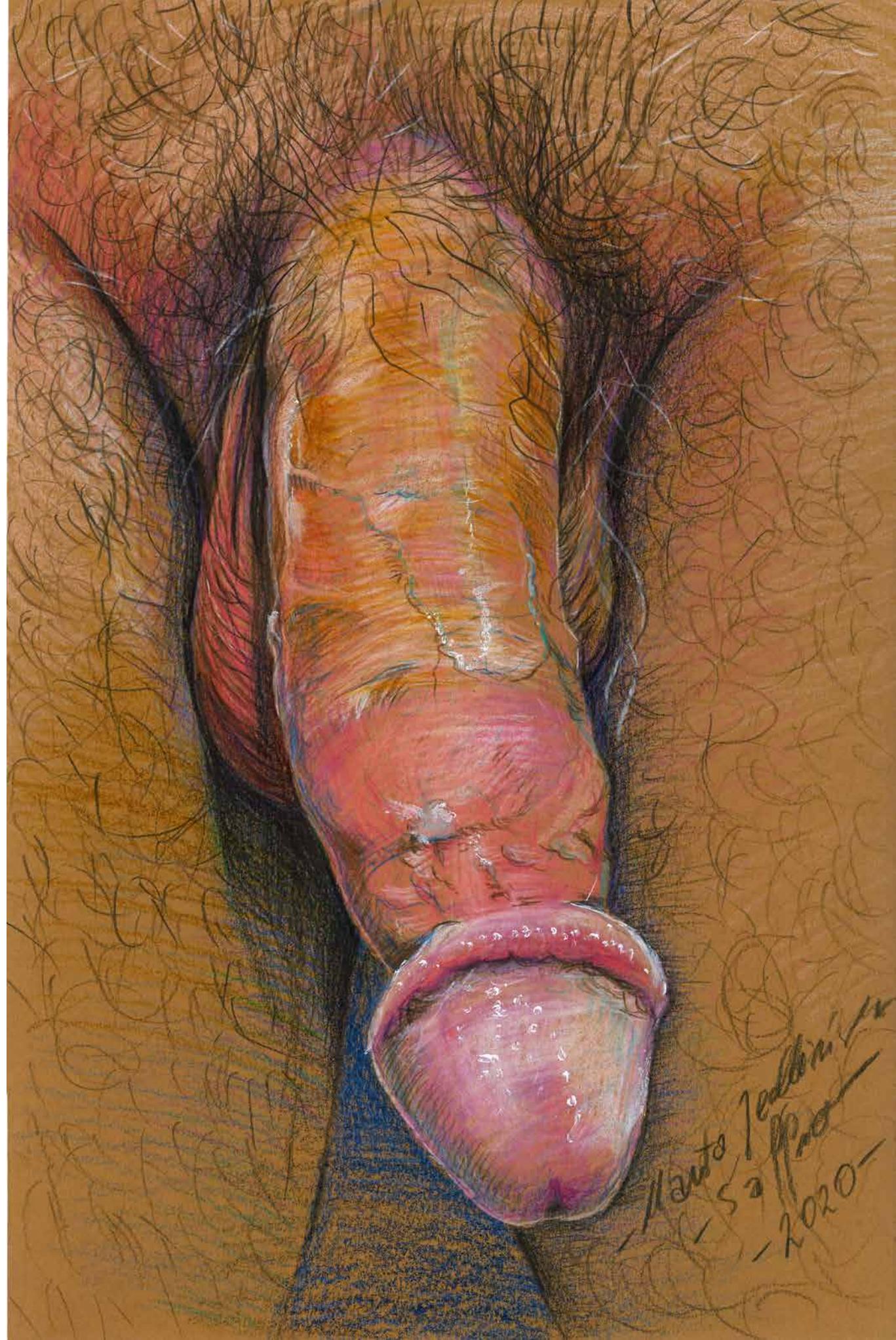
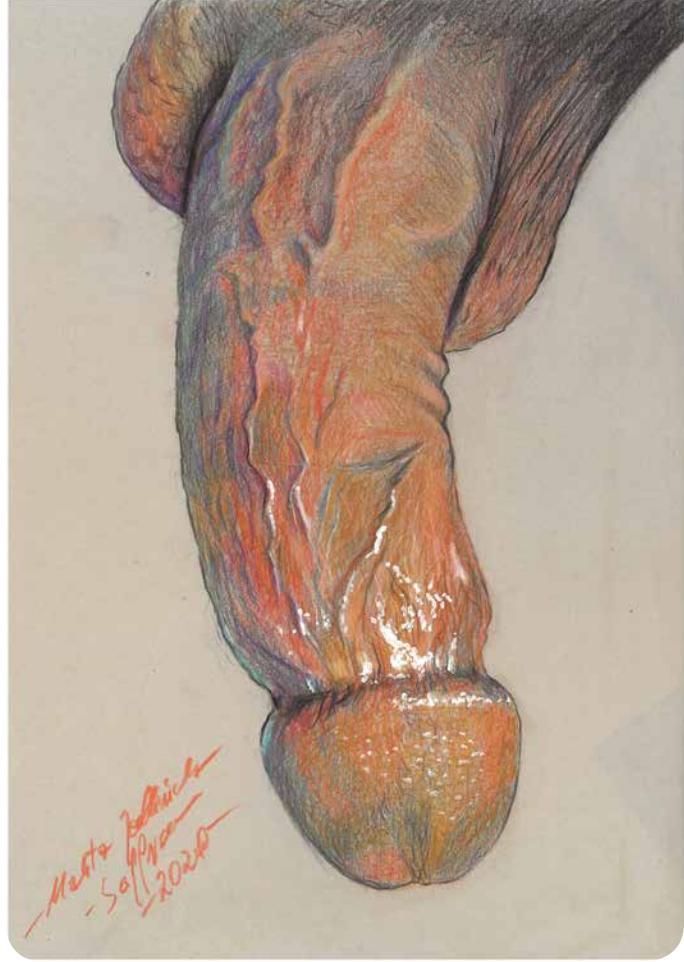
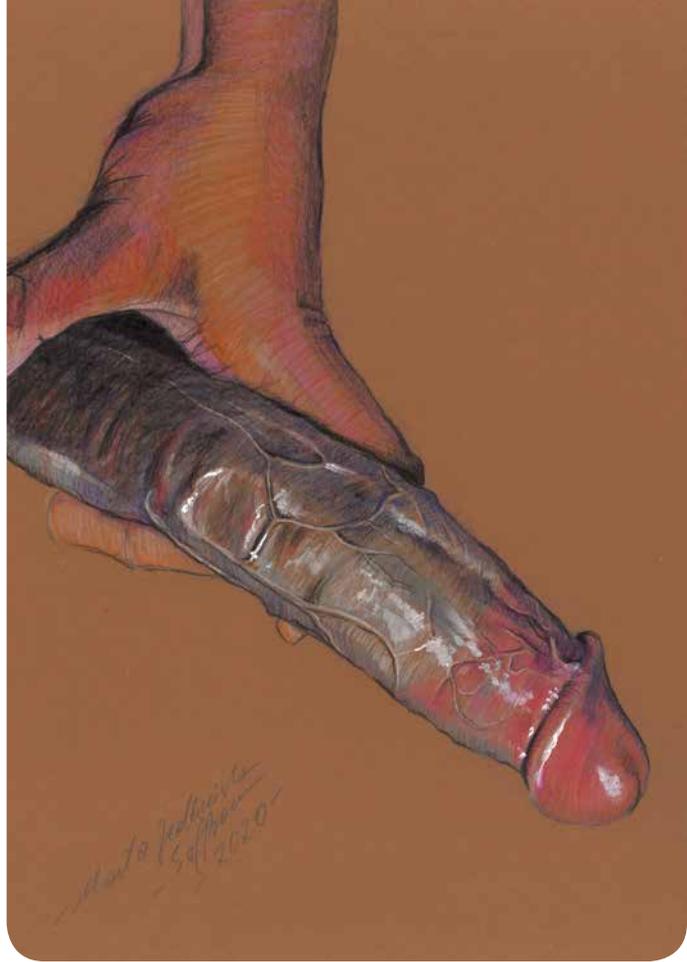
Sellproun  
Marta Jellin  
-2018-

Instagram para que eu pudesse compartilhar os resultados... e minha vida mudou! Além de curtir os desenhos, as pessoas, fossem homens ou mulheres, héteros ou gays, queriam que eu as desenhasse – até pessoas trans (com o mesmo comportamento social masculino)! Aos poucos fui me abrindo e deixando as pessoas saberem quem eu era. Até mesmo minha mãe passou a aceitar o que faço!

Uma vez que trabalho a partir de fotos, preciso lidar tanto com a bidimensionalidade dos meios quanto com a tridimensionalidade do olhar. Geralmente não gosto quando dizem que faço desenhos realistas ou até hiperrealistas, porque eles não são. Na verdade, é um processo de redimensionamento que acaba dando essa ideia: eu recebo fotos pequenas e de baixa resolução no telefone; faço as escalas, adapto as proporções dos detalhes, a saturação das cores no desenho de maior formato; e, quando divulgo nas redes, o tamanho é novamente reduzido, criando a ilusão de verossimilhança.

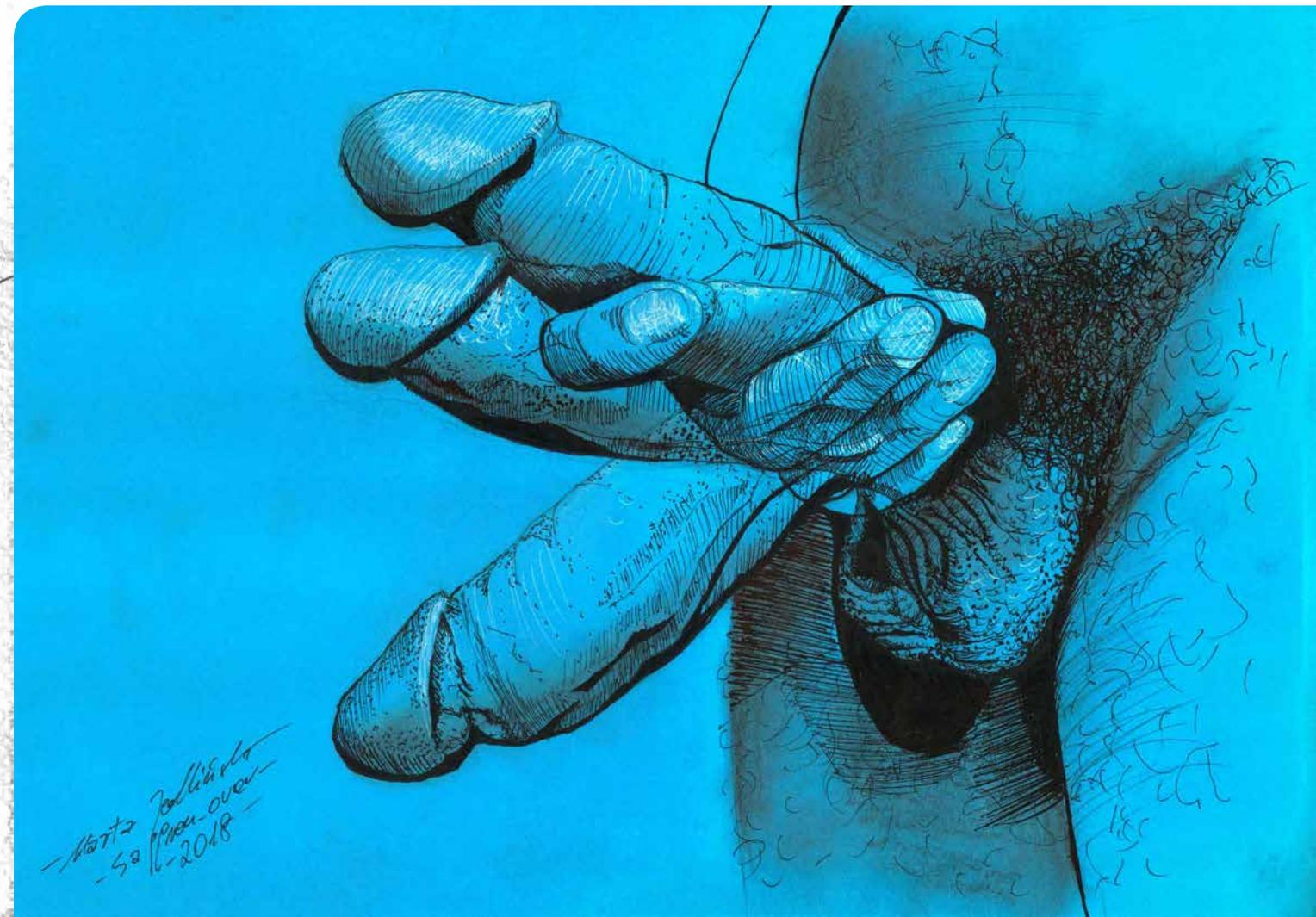
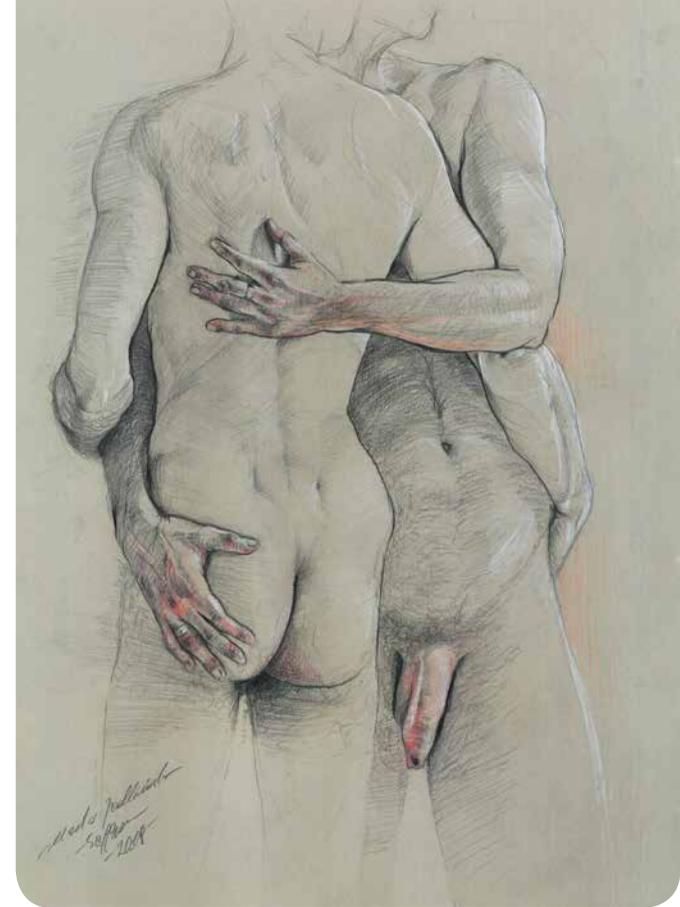
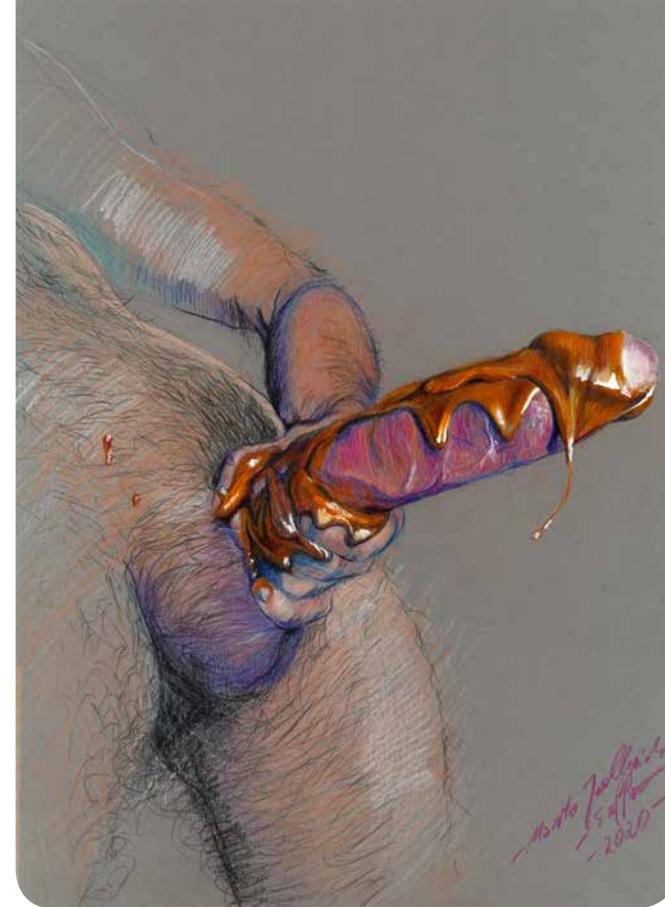
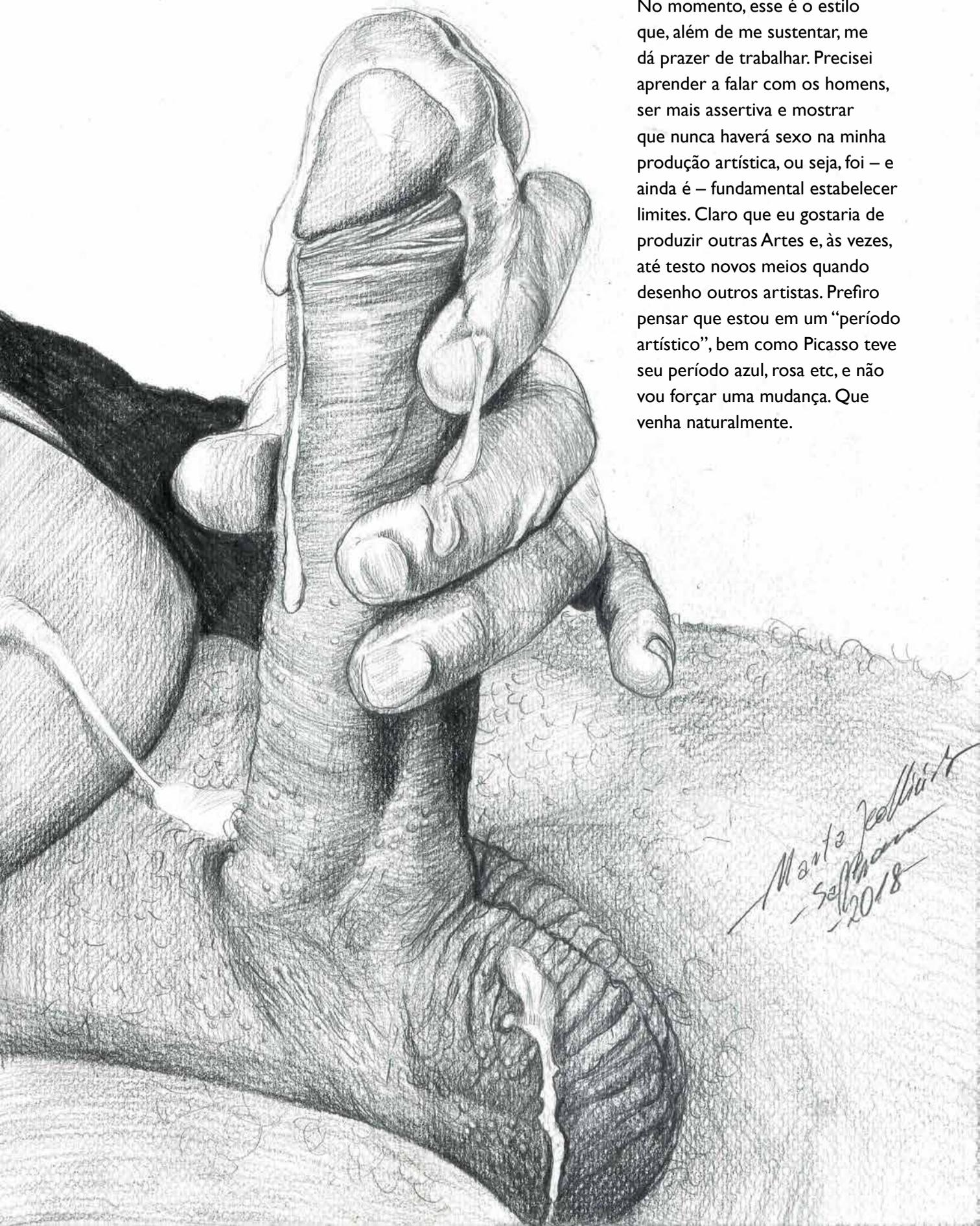


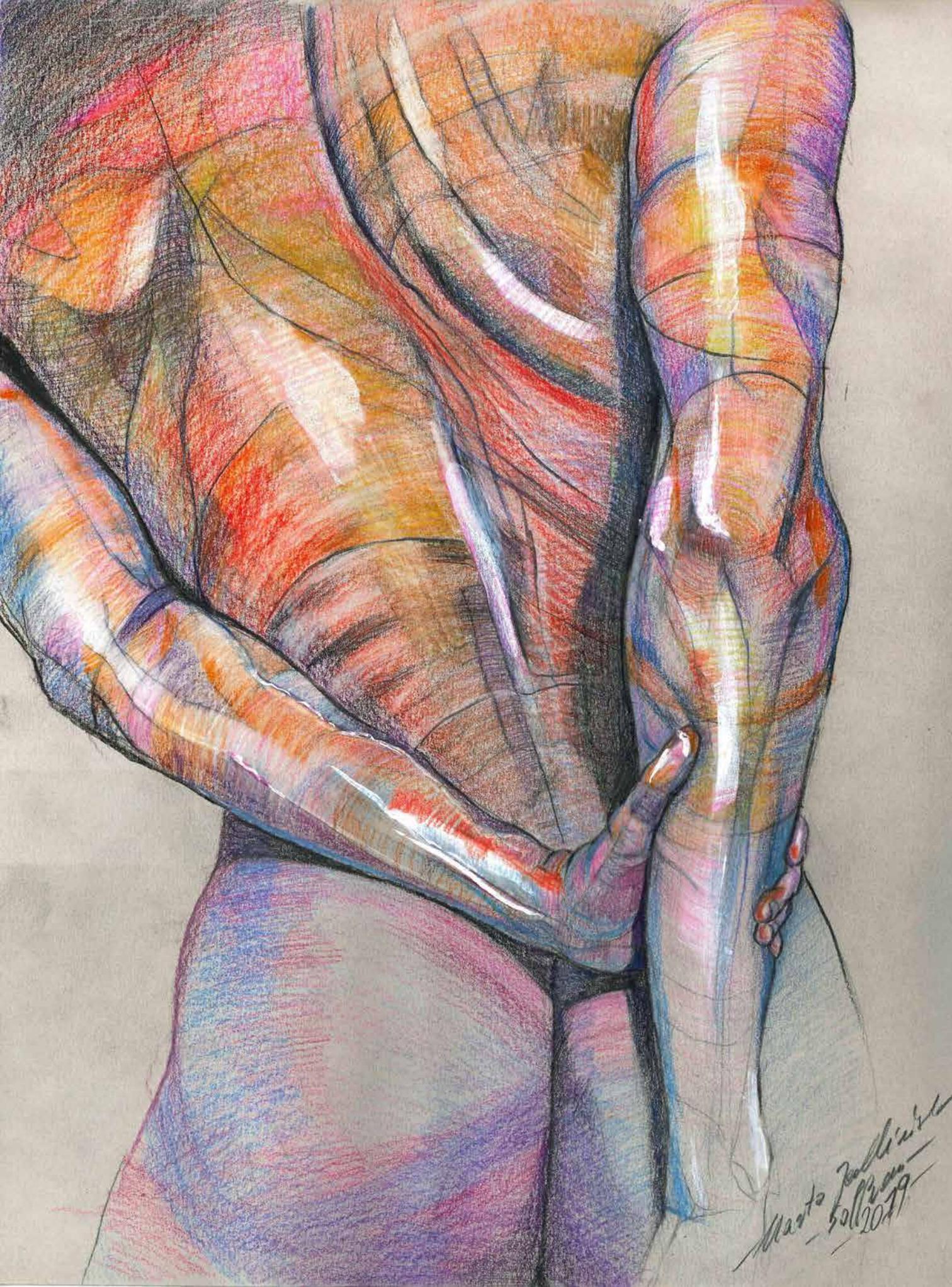
Marta Jellin  
-2021-



Marta Julliana  
5/1/2020

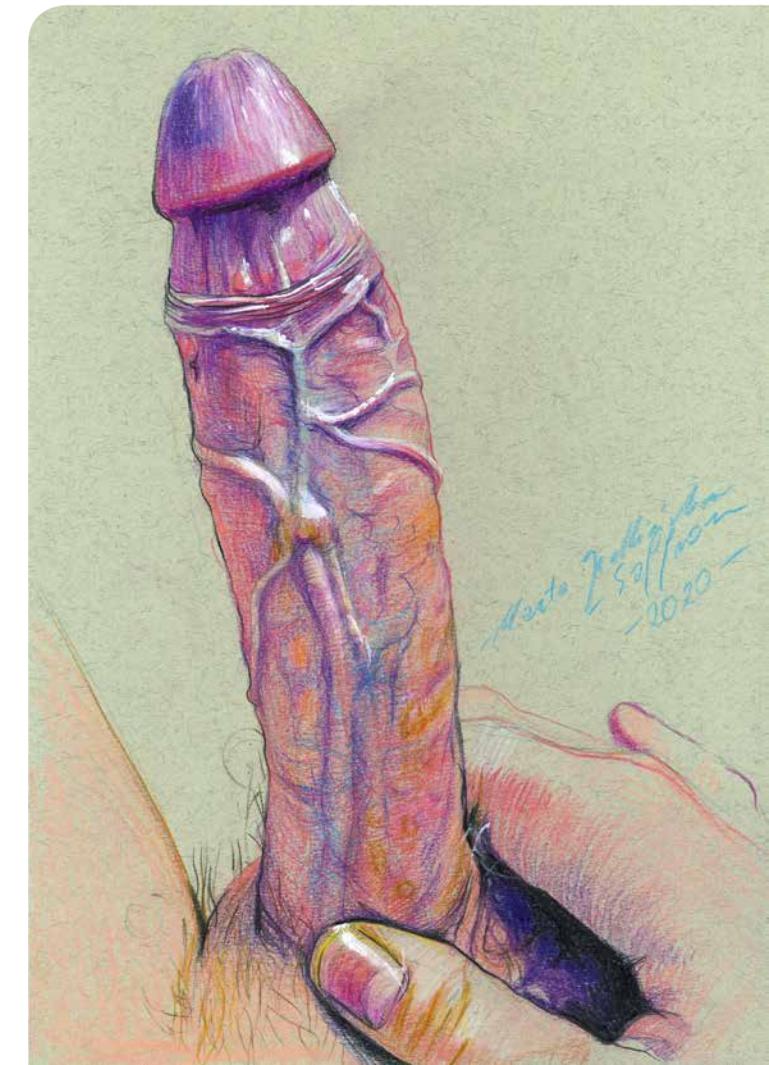
No momento, esse é o estilo que, além de me sustentar, me dá prazer de trabalhar. Precisei aprender a falar com os homens, ser mais assertiva e mostrar que nunca haverá sexo na minha produção artística, ou seja, foi – e ainda é – fundamental estabelecer limites. Claro que eu gostaria de produzir outras Artes e, às vezes, até testar novos meios quando desenhava outros artistas. Prefiro pensar que estou em um “período artístico”, bem como Picasso teve seu período azul, rosa etc, e não vou forçar uma mudança. Que venha naturalmente.





Logo depois de completar 50 anos, criei uma outra conta no Instagram. Nossa sociedade parece dizer que depois dos 50 as mulheres deixam de ser interessantes, mas esse preconceito de idade não afeta tão profundamente os homens. Assim, comecei a postar não só fotos nuas minhas como também artes feitas por mim e por outros artistas sobre o meu corpo. Poucas mulheres entenderam minha ação. Eu acredito que seja por esse sentimento de incompletude, divisão e competição que existe entre as mulheres. Mas sei que tudo é um processo e eu não preciso agradar todo mundo.

Hoje tenho milhares de seguidores – que vem e vão de acordo com a censura das redes – de várias partes do mundo e quero compartilhar algumas histórias ligadas a esses desenhos. Já produzi alguns livros com a minha Arte e penso que escrever algo sobre essas dinâmicas de gênero e sexualidade pode reduzir essa onda cíclica de censura que assola o planeta. **8=D**



# Márcia X

1959-2005



Um dos terços da performance / instalação *Desenhando com Terços*. Esta imagem foi liberada para domínio público pelo viúvo da artista. As outras imagens deste artigo foram retiradas do site dela.

**M**árcia X foi uma importante artista visual brasileira que iniciou sua carreira em 1980. Seu trabalho foi na direção oposta ao experimentalismo pictórico que acontecia no Brasil e pode ser dividido em dois grandes momentos: a década de 1980, centrada na evocação de sua própria atitude frente à arte; e a partir dos anos 90, quando passou a investir na demolição sistemática de valores estéticos, éticos e políticos do machismo e da face mais opressiva da instituição religiosa do catolicismo.

Em 1985, em parceria com o poeta e artista Alex Hamburguer, realizou a performance *Sex Manisse*, na Bienal do Livro. Vestida com duas “não roupas”, uma capa preta e uma outra transparente e sem nada por baixo, a artista despiu-se até ficar nua. Na época, a resposta da estilista homônima (“Me dedico a vestir e não despir pessoas”) fez com que a artista adotasse o X no nome artístico.

Continuou realizando performances e instalações importantes até que iniciou a produção de obras em série que problematizavam o erotismo através do aspecto simbólico de objetos industrializados. Para a artista, o mundo era seu ateliê:

*Comprar materiais no Saara [área de comércio popular no centro do Rio] para fazer esculturas, instalações e performances significa me apropriar de aspectos simbólicos destes materiais, combinando objetos, imagens e idéias deste universo, associando meu imaginário a elementos do imaginário social relativo a sexo, religião, infância, morte, masculino e feminino. (Texto Natureza Humana)*

Fiu-fiu, da série *Fábrica Fallus*, 1996.

Pai e Filho, da série *Fábrica Fallus*, 1997.

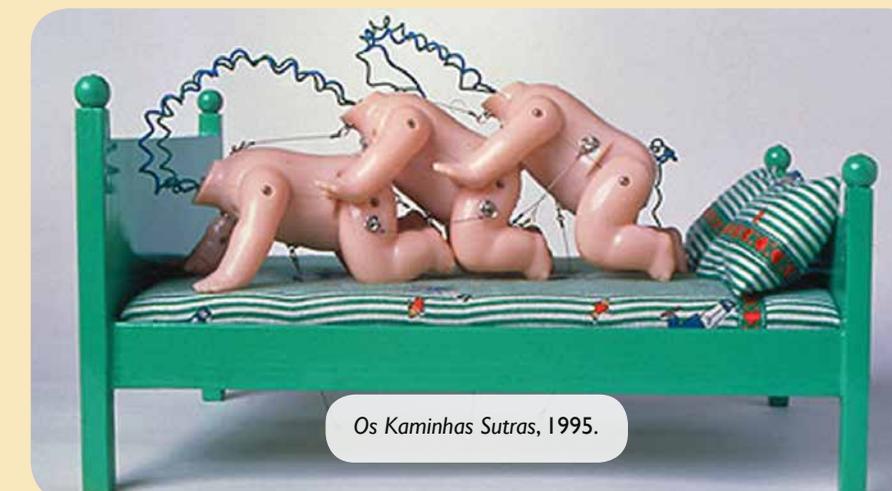
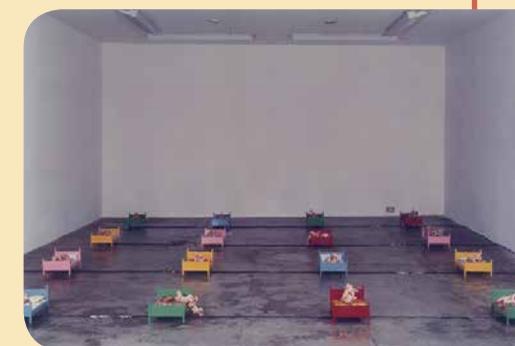


Oito peças sem título da série *Fábrica Fallus*, 1994-2002.

Em uma de suas mais marcantes séries, a *Fábrica Fallus* – que desenvolveu de 1992 até 2004 – Márcia X utilizou pênis de borracha comprados em sex shop associados ironicamente a objetos e materiais que remetem ao feminino, à infância e à religião, como pompons, espelhos, medalhas, rendas etc. Anônimos e impessoais nas prateleiras das lojas, os pênis passaram a incorporar “personas” diversas, transformando-se em objetos simultaneamente fálicos e femininos, pornográficos e infantis, sagrados e profanos. As peças possuíam movimento a partir de vibradores que os faziam se encontrar e se afastar pelo chão, percorrendo o espaço ao acaso em uma estranha coreografia. A série participou de inúmeras exposições no MAM Rio, no MAM Bahia, no Parque Laje (RJ), no Museu Nacional de Belas Artes (RJ), entre outros.

Em 1995, Márcia X realizou uma das mais importantes individuais de sua carreira, *Os Kaminhas Sutrinhas*, no Espaço Cultural Sérgio Porto, no Rio. Na instalação, trinta pequenas camas coloridas com lençol e travesseiros infantis ocupavam o chão da galeria. Sobre elas duplas e trios de bonecos sem cabeça e sem roupa se encaixavam uns nos outros atados por finíssimos cabos de aço.

Projetados originalmente para engatinhar, os corpos desprovidos de signos de identificação de gênero masculino-feminino moviam braços e pernas em uma mímica sexual, enquanto o chip musical entoava *It's a small world*, música clássica da Disneylândia. Um pedal permitia que o público acionasse todos os bonecos ao mesmo tempo. A cacofonia de sons intensificava a violência da movimentação mecânica contrastando com o visual infantil.



*Os Kaminhas Sutras*, 1995.



A partir de 2000, Márcia X viu reconhecido seu trabalho por parte da crítica especializada. Inúmeros convites se seguiram para realizar performances em eventos importantes, como o Panorama das Artes (São Paulo e Rio) com a performance *Pancake*, na Bienal do Mercosul (Porto Alegre) com a performance *Ação de Graças*, e na instalação *Os 90* (Rio) com a instalação *Reino Animal*. De 2000 a 2003, Márcia X realizou a performance *Desenhando com Terços*, onde, de camisola branca, usava 400 terços para realizar desenhos de pênis no chão. Em 2004 realizou uma das mais emblemáticas performances de sua carreira: *Cadeira Careca / Le Chaise Chauve*. Em parceria com Ricardo Ventura, barbeou uma chaise longue *Le Corbusier*, de couro de vaca, nos pilotis do edifício Gustavo Capanema, antiga sede do Ministério da Cultura, no centro do Rio de Janeiro.

*O que de certa forma singulariza o trabalho de Márcia X, em comparação com a maioria dos artistas que trafegam na Body Art, é a ausência do ranço ou mesmo raiva que caracteriza grande parte da produção deste movimento. É improvável que alguém a acuse de sofrer de “inveja do pênis”, ou de ser uma “feminista recalcitrante”, pois sua arte não é acusatória, e muito menos divisiva ou confrontadora; suas esculturas com vibradores, por exemplo, têm antes de tudo um caráter mais celebratório e quase religioso. Com iguais doses de charme e tenacidade, Márcia X construiu para si mesma um nicho raro no panorama das artes plásticas, que lhe proporciona uma voz política vinculada ao seu fazer artístico. – Sérgio Bessa em X-Rated (duas ou três coisas qu’eu sei dela), Item-4, 1996.*



*Desenhando com Terços, performance / instalação realizada na Casa de Petrópolis – Instituto de Cultura, por 6 horas em julho de 2000.*

Com uma carreira firme e independente, imune às críticas, aos sucessivos cortes de participação em salões e outras mostras e à censura, Márcia X foi uma artista única que entendeu a conexão performance-sexo como ações do corpo que vivenciam uma espécie de culto. Porém, após sua morte, a artista viu sua obra se tornar uma polêmica que quase a levou ao ostracismo. Em 2006, registros da performance *Desenhando com Terços* fez parte da coletiva itinerante “*Erótica: Os sentidos da Arte*” do Centro Cultural Banco do Brasil. Ao chegar no Rio de Janeiro – ironicamente a cidade-natal da artista –, políticos e religiosos exigiram a retirada da obra por ofender o catolicismo. Estabeleceu-se um debate público sobre liberdade de expressão e o Ministro da Cultura na época condenou a censura (veja nota ao lado). Mesmo assim, a obra foi retirada da itinerância e as instituições culturais levaram quase 10 anos para expor algum trabalho da artista novamente (sendo esses, os com menos indícios eróticos).

## Nota do Ministério da Cultura

*Brasília, 25 de abril de 2006.*

*Toda censura é inaceitável. Os critérios para seleção de obras exibidas numa instalação devem ser de natureza estética, sob a responsabilidade de curadores ou de quem for designado para a tarefa.*

*Dessa forma, o Ministério da Cultura estranha a censura feita à obra de Márcia X, na instalação *Erótica*, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) do Rio de Janeiro.*

*Acreditamos na capacidade de discernimento crítico dos espectadores e do público em geral. Assim como acreditamos que toda tutela na relação entre obra de arte e espectador é inaceitável.*

*Segundo a Constituição Brasileira, é “livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”. Por isso, não pode haver mais em nosso país nenhum tipo de interdição a obras de arte e a outras formas de expressão.*

*Esperamos que a decisão do CCBB seja revista em nome da liberdade garantida por lei.*

Gilberto Gil

Ministro de Estado da Cultura

O artista Ricardo Ventura, viúvo de Márcia X, abriu mão dos direitos autorais de uma das imagens da série de fotogramas tornando-a de domínio público. Só nos resta imaginar que, apesar da censura, Márcia X - que sempre lutou contra o que chamou de “enorme descrédito em relação à performance” - teria ficado interessada no debate público e iria responder com obras visuais transgressoras e performáticas com a mesma relevância que marcou sua trajetória. **8=D**



Na página anterior:  
*Pancake*, performance / instalação realizada em Orlandia, por 2 horas em maio de 2001. Fotos: Wilton Montenegro.

*A Cadeira Careca / La Chaise Chauve*, performance / instalação realizada no Palácio Capanema, no Rio de Janeiro, em 2004. Fotos: Adeldo Lapa.



## www Márcia por Márcia

Gostaria de começar o projeto com informações sobre o trabalho que venho desenvolvendo desde meados dos anos 80, que inclui linguagens diversas como performances, instalações, objetos e vídeos.

Nas produções iniciais, havia a intenção de questionar, através do humor e do estranhamento, o papel do artista e da arte na sociedade. *Tricyclage* e *Exposição de Ícones Gênero Humano* são exemplos de trabalhos em que a provocação é o elemento principal. *Tricyclage* (1987), realizada em colaboração com o poeta Alex Hamburger, constituiu-se na invasão do palco da Sala Cecília Meireles no Rio de Janeiro, pedalando 2 velocípedes, durante a execução de uma peça de John Cage, *Winter Music*, com a presença do próprio, mas sem a sua permissão, e renomeando a peça como *Música para 2 velocípedes e pianos*. Em *Exposição de Ícones de Gênero Humano*, estavam presentes todos os elementos que uma instalação de artes plásticas profissional mobiliza, galeria, iluminação, convites, divulgação, coquetel, livro de assinaturas, mas

não havia obras de arte. Quem compareceu foi fotografado e filmado participando da vernissage. O material captado, sem edições, foi exibido no dia seguinte na galeria.

No princípio dos anos 90, realizei instalações e performances que tinham como principal estratégia transformar objetos pornográficos em objetos infantis e objetos infantis em objetos pornográficos, fundindo elementos que estão situados por convenções sociais e códigos morais em posições antagônicas. *Fábrica Fallus* é o nome da série de trabalhos em que utilizo pênis de plástico comprados em sex shops acoplados a toda sorte de enfeites femininos, apetrechos infantis e religiosos. Muitas destas peças são dotadas de movimento e som, interagindo com o público. *Os Kaminhas Sutrinas* é uma instalação composta de 28 caminhas de bonecas dispostas no chão da galeria. Sobre cada uma delas, uma dupla ou trinca de pequenos bonecos se movimentam. Os bonecos foram originalmente projetados para engatinhar; unidos por finíssimos cabos de aço, eles se encaixam uns nos outros e através da movimentação de braços e pernas criam um repertório de

ações sexualizadas. As roupas e cabeças foram retiradas, o que os torna anônimos e indistintos quanto ao gênero, masculino/feminino. Este trabalho teve origem numa performance, *Lovely Babies*, em que os mesmos bonecos são usados em ações que simulam a presença de pênis e seios no meu corpo, e sugerem a realização de um parto onde a cabeça do boneco é arrancada e em seguida atirada ao público.

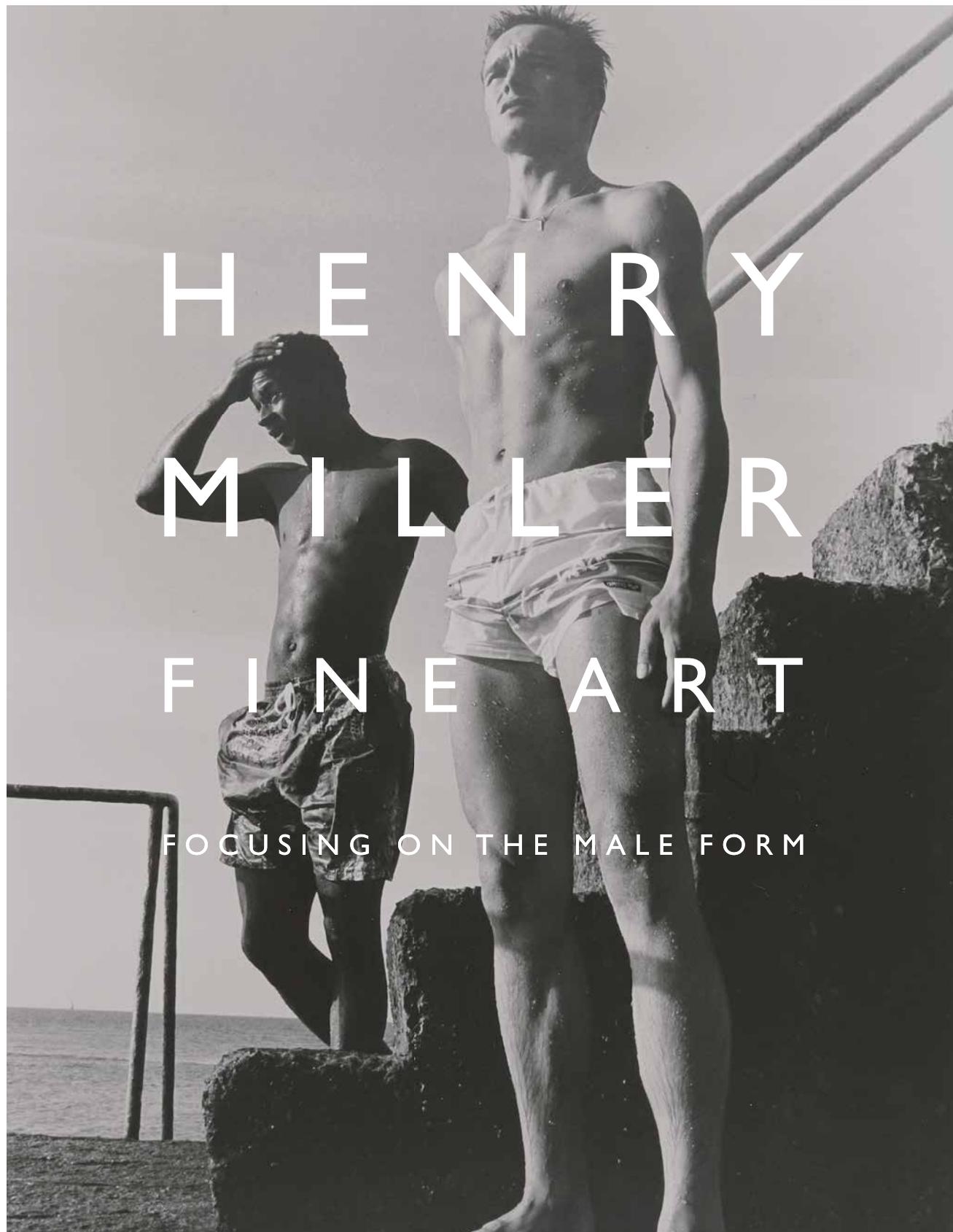
*Desenhando com Terços, Pancake, Ação de Graças, Ex-machina, Cair em Si* são performances / instalações criadas entre 2000 e 2002 em torno de obsessões culturalmente associadas às mulheres, tais como beleza, alimentação, rotina, limpeza e religião. No trabalho *Desenhando com Terços*, utilizo centenas de terços católicos para construir desenhos de pênis no chão. O público acompanha o desenvolvimento deste processo que só termina quando o chão fica totalmente coberto pelos desenhos. A instalação completa adquire a aparência de uma grande trama abstrata e permanece em instalação.

De pé dentro de uma bacia de alumínio, abro, uma a uma, latas enormes de leite condensado

(2,5 kg cada) usando um ponteiro e uma marreta. Derramo mais de 25 kg de leite condensado sobre minha cabeça e corpo para depois, com a ajuda de uma peneira, cobrir tudo com mais 7 kg de confeitos coloridos. *Pancake* tem a duração de 1h, e todos os apetrechos usados e os resíduos resultantes da ação compõem a instalação que permanece em instalação.

Os trabalhos mais recentes parecem revelar as potencialidades transgressoras de elementos cotidianos, apresentando imagens e ações habituais contaminadas pela lógica dos milagres, contos da carochinha, sonhos e pesadelos. É a partir desta nova produção que direciono o projeto a ser desenvolvido com a Bolsa de Estudos Luiz Aranha, criar no período de permanência em Paris uma performance / instalação, a ser apresentada lá e aqui no Brasil, que lide com diversas questões contidas no dia a dia e ligadas a: identidade, o espaço na experiência de estrangeiros numa sociedade globalizada, o público e o privado, o original e a cópia, a instituição e o artista e o corpo como agente discursivo de poder. **8=D**

Falo em Foco



WWW.HENRYMILLERFINEART.CO.UK +44(0)20 85092044  
HENRY@HENRYMILLERFINEART.CO.UK (0)7769 700290



*Nu masculino*, carvão sobre papel de Eileen Healy, 1995.

# Lud Lower

texto da artista editado por Filipe Chagas

**M**e chamo Ludmila, mas geral me chama de Lud. Sou uma mãe solo – meu baby é a coisa mais linda do meu mundo! –, capricorniana com ascendente em aquário e lua em câncer. Nasci no último dia do ano e acho que foi aí que comecei a nadar contra corrente: enquanto todo mundo celebra o fim do ano, eu celebro o meu começo.

Não tenho formação acadêmica. Sou autodidata na fotografia, na edição e em quase tudo na minha vida. E a Arte sempre esteve presente na minha vida. Na verdade, eu nunca fiz nada que não fosse ligado à Arte. Aos nove anos eu fazia pulseira de miçanga e vendia na escola e no prédio. Aos treze eu sonhava com ter uma câmera e usei meus conhecimentos de desenho de perspectiva nas minhas composições fotográficas.

Nos meus primeiros anos de fotografia, fazia retratos com uma pegada fotojornalística, ensaios de bandas, grupos e de subculturas de São Paulo.

Um dia conheci uma guria que era modelo sensual e fiz o primeiro ensaio desse tipo. Nunca tinha me imaginado nesse mercado, mas, depois que postei esse primeiro ensaio, surgiram tantos clientes e oportunidades que me vi trabalhando somente com isso.

Nesses ensaios gosto de conversar antes com a pessoa que vou fotografar. Presto atenção nela, nos trejeitos, manias. Já tentei trabalhar roteirizando e seguindo ideias, mas na hora não faço nada. É muito importante pra mim respeitar os limites emocionais e físicos das pessoas. Por isso, não me adianta criar algo antecipado e, às vezes, a pessoa é completamente o oposto de tudo que eu pensei ou tem limitações físicas e emocionais. Claro que rola uma inspiração em Terry Richardson e Estevan Oriol, mas não sigo um artista fielmente. Admiro muitos, muitos amigos e amigas fotógrafos também, mas tento não me apegar muito ou ver muitos trabalhos e fotos antes dos ensaios para deixar minha





criação livre. O projeto *MyBoyToys* surgiu depois de três anos, em 2016, quando me divorciei, e é dessa forma também. Às vezes bebemos uma breja, trocamos ideia, e tudo vai rolando de forma natural.

Eu falo que minha fotografia é um lifestyle sensual, porque gosto de mostrar a sensualidade de maneira natural, em ambientes reais, luzes reais, produções simples e reais. Entretanto, minha abordagem é mais política do que poética. Na verdade, não sei se seria possível provocar a atmosfera poética em imagens. Acho que a poesia está mais no conjunto de experiência e emoções do espectador do que no do artista, já que pode ser poesia para uma pessoa e algo raso para outra. É aquela coisa, né: a arte está nos olhos de quem vê.

Meu objetivo é mostrar uma nova forma do homem se enxergar, livre do machismo! Com sensibilidade, quero provar que sensualidade não é um atributo somente de mulheres. Homens também são sensuais! Seus corpos tem linhas, formas e curvas! É muito importante apresentar isso principalmente para o homem heterossexual que tem uma forte barreira (nem digo estética) contra seu próprio corpo e exclui partes de si por considerar que pode “comprometer sua sexualidade”. A masculinidade é muito frágil. A cultura machista deu ao homem a única visão de que seu corpo só presta se for forte, que seu pau só presta se for duro. A mulher mostrar que o homem é mais do que isso pode ser libertador! O projeto *MyBoyToys* é o primeiro projeto sobre sensualidade e nudez masculina em primeira pessoa feito por uma mulher e voltado para o público feminino.

Eu amo homens, amo seus corpos, seus traços, acho o corpo masculino lindo e faço retratos de amigos há tempos, mas minha inspiração não é o



homem em si: é a mudança que quero trazer na vida dos homens a partir do prazer, um conteúdo bom e libertador para quem como eu, ama homens. E para isso precisei entender a complexidade da relação entre o homem heterossexual e seu próprio corpo, uma conexão não sexual impactada pelo machismo e pelo sistema patriarcal que o enche de neuras. Comecei a ver os homens de forma diferente.

Nos ensaios, noto uma mistura de curiosidade, alívio, surpresa e satisfação. Percebo que os modelos querem se ver de uma forma sensual e sexual sem ser a máquina de sexo, o alfa. Acho muito importante o homem entregar o taco das decisões, quando ele foi ensinado a ser dominante em todos os aspectos da vida. É um peso muito grande que eu tiro deles,

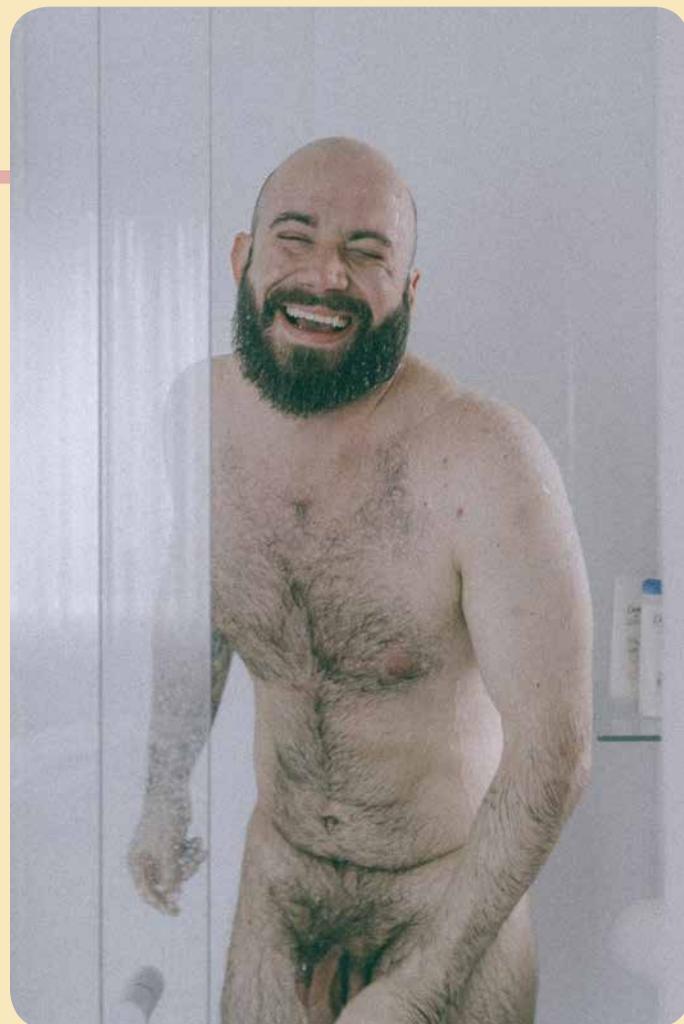
pois, nos meus ensaios, eu conduzo, eu tomo as decisões, eu manipulo seus corpos em poses e movimentos. Não é uma briga por posição de poder, de mulher vs. homem, mas é ceder, relaxar e deixar-se levar pelo momento. Muitas vezes é nessas horas que eles percebem que ser sensual não tinha nada a ver com o que ele imaginava. Descobrir que se é desejado no lifestyle mais simples, de moletom, lendo um livro, jogado na cama ou no chão, é demais, né? Ouço sempre dos meninos “ah, eu não sou sensual” ou comparações tipo “não sou igual a seus modelos”. Quando eles veem o aumento da popularidade, do número de fãs, eles sempre vêm falar “não é que deu certo?”, “nossa, as minas curtiam mesmo, né?”. Não sejamos hipócritas: uma massagem no ego é bom! Alguns que posaram para mim até viraram modelos de agência depois.





A reação ao projeto foi diversa. Em grande parte, recebi o êxtase das mulheres vendo algo feito para elas, algo para se inspirar nos momentos de prazer ou de busca pelo prazer! No entanto, do lado masculino... Ódio, agressões verbais machistas, ataques de homossexuais por acharem um absurdo eu fazer algo voltado a mulheres e não incluí-los... esses melhoraram com comunicação, pois parte dos gays entenderam que não é exclusão, mas que a mulher precisa de algo voltado para elas, já que a indústria sensual, nu, erótica, *porn* é sempre voltada ao prazer do homem independente da orientação sexual. Inclusive o nu masculino é extremamente aceito desde que seja para o prazer de homens. Quando vão normalizar o prazer da mulher, o desejo feminino em toda essa indústria? Quando as mulheres vão começar a consumir sem vergonha e sem tabus arte erótica, arte sensual, que representem o prazer feminino? Nós mulheres também gostamos do corpo do homem! Eu amo narizes, costas, ombro, pescoço, boca, olhos, sorriso, quadril, pênis, mãos... quase tudo, né?

Acho essencial mostrar o nu de forma natural, não só sexual... mostrar mole, duro, meia-bomba... normalizar o pênis como uma parte do corpo e não somente com um objeto de prazer, uma máquina em constante potência, o protagonista do sexo e da sensualidade masculina. Por isso, não me ofendo se um modelo tem uma ereção. Lido naturalmente com isso até porque me acho bonita, mas não ao



ponto de pensar que o cara está excitado por mim! No projeto, eu tenho participação: toques, lambidas, beijos, abraços. É natural na fricção de dois corpos a ereção acontecer. Mas é preciso ficar claro que nem toda ereção é sexual. Sei que a liberdade, a vulnerabilidade e o autoconhecimento são capazes de gerar o mesmo efeito. E está tudo bem!

O pênis existe e é importante, mas a bunda também está lá, o tórax, as pernas, a barriga, as mãos e os pés, o olhar, o sorriso, a língua. É um grande passo para o homem sair dessa órbita em volta do pênis e entender que nós mulheres gostamos e nos excitamos com outras partes do corpo masculino. O pênis não é protagonista do meu projeto: todo o corpo importa e excita.



### É preciso normalizar esse tipo de conteúdo.

A maioria das mulheres tem vergonha de consumir ou de pagar por arte com nudez. É inacreditável o número de seguidoras ou assinantes que perco porque começaram a namorar, a trabalhar ou alguém da família viu! Ainda recebo mensagens me explicando ou pedindo para tornar o perfil do Instagram público porque não podem me seguir! É triste e revoltante! E olha que nem todos os meus ensaios contêm nu. Aliás, durante dois anos, nem era esse o foco.

Mesmo um pouco devagar com o caos mundial e um bebê, tenho me organizado para lançar a campanha de crowdfunding para a revista digital do projeto *MyBoyToys*, que terá não só os ensaios, mas também contos eróticos escritos por mulheres, pois entendo a necessidade de sororidade. Vamos lá, mulheres: se joguem! Libertem-se! Libertem os homens! Normalizem o prazer da mulher! O nosso prazer! **8=D**



# Júlia Portella

texto da artista editado por Filipe Chagas



## CALMA, GENTE. É SÓ UM PINTO.

*...Era uma vez uma garotinha que tinha uma mania desde a infância: desenhar pintos. Não, gente... não era uma tara, não era falta ou excesso, não era bandeira, não era esquerda nem direita, não era preto ou branco, não era rosa ou azul, não era menino nem menina. Era só um pintinho mesmo. Porque ela achava ENGRAÇADO. Só isso.*

*Num mundo onde tudo era tão definitivo dava um alívio não colocar filtro, poder desconcertar tudo, deixar tudo pelado. E o pinto, assim, seco, sem lógica, sem corpo, sem intenção, sem roteiro, sem gravidade, solto no espaço, fazia*

*isso. Assim ele nem sempre precisava ser uma ameaça ou uma frustração, um herói ou uma arma de destruição em massa...*

**N**ão, não é uma fábula inspirada em uma versão feminina do filme “Super Bad”! Esta garotinha existe e sou eu, Júlia Portella. Sempre achei curioso o estado de impermanência profunda que um simples pinto é capaz de provocar nas pessoas. Em qualquer lugar que esteja, ele tira tudo do esteio, da elegância, balança, agita, revolta, diverte, ofende, pelo simples fato de existir.

Quando eu era pequena, isso servia apenas à uma lei cômica e inconsciente pra mim, de desestabilizar o curso natural das coisas, fazer curvas no esperado: um presente para um amigo ter a grata e desconcertante surpresa de encontrar um pinto desavisado enquanto abria o fichário no meio de uma aula chata. Gargalhadas! E viciada nesta reação, fui percebendo outras também que – ainda não entendia o porquê –, mas me mostravam que nem sempre o pinto era bem-vindo. Às vezes ele causava repúdio, indignação, nojo. Fui adicionando mais substantivos à lista de





impactos inesgotáveis na medida em que perdia de vista a inocência da garotinha curiosa e entendia que eles vinham de um lugar muito maior: o todo-poderoso FALO.

Quando medo, vergonha, opressão, tesão passaram a fazer parte do catálogo, já adulta, pude reconhecer mais força ainda. Por não ter de natureza armada – eu, mulher – o meu próprio pênis, ereto, alarmante, perigoso, me senti autorizada a manter o meu pinto na lente da menininha traquinas, num estado não sexualizado, pulando de carteira em carteira buscando àquelas reações controversas. Mas não se enganem! Nem comigo e nem com eles! Nunca desapercibidos e nunca impunes! Obsessão minha! Nossa! Paixão nacional! Bem ou mal, falem dele: o pinto é o culpado! No entanto, eu detectava uma vilania serviente ali. Todos os impulsos negativos retraíam e condenavam, enquanto todos os positivos,

de alguma forma, libertavam. Parecia grave, ter assim um pinto mandando na nossa vida.

Então, resolvi sair com eles por aí, sem a arma-dura, de pijama furado. Era uma experiência quase antropofágica passear acompanhada dos meus pintos, que, à esta altura, já tinham deixado os fichários e alcançado as ruas nas minhas camisetas, bolsas, tênis e discursos. Eu, uma feminista(!?), via o humano sendo devorado pela sua própria fonte de existência ao tirar o falo do seu valor central justamente sendo falocêntrica. Destituí de majestade aquele pau duro para trazê-lo escondido, tímido e despreparado em um lugar de completa vulnerabilidade, mole, insuspeito, sem destino nem pretensão.

Controverso como todo pinto é, ficava cada vez mais claro que isso trazia uma estranha sensação de conforto, proximidade,





empatia, amistosidade... uma alforria. Do tio reaçã do pavê à melhor amiga militante, do caixa da padaria ao crush heterotop, da gay purpurina à manicure evangélica, todos se encontravam juntos e felizes na impenitência dos meus pintinhos. Essa desobrigação exonerava o pinto de ser FALO. E olha que coisa: a vida voltava lá pro rabisco do fichário pra ser só mais uma leve gargalhada! Assim nasceu a COMFORT PINTOS!

A COMFORT PINTOS é um convite pra que todos possam ser aquela garotinha armada com sua canetinha de desenhar rôla e uma enorme vontade de se vestir apenas com a honestidade bruta e escancarada desta velha senhora tão resistente e fora de moda, a liberdade. Emancipar alguns pintos para correrem soltos e pelados por aí me parece cada vez mais um jeito espirituoso de vestir-se de si mesmo. A minha vontade enquanto artista é colorir, divertir,



desanuviar e isentar, e, com meu exército de pintinhos, tomar de assalto os desavisados e roubar mais sorrisos desarmados do que corações coagidos. Claro que pra isso eu passo por um caminho muito tênue, polêmico, frágil, sério, mas, assim como toda arte (e como toda ereção), é um risco.

### **PORQUE ÀS VEZES UM PINTO É SÓ UM PINTO MESMO. E PINTO FINAL.**

*...Com a nossa garotinha os pintos se espalharam, nos móveis da sala, nas paredes do quarto, nos muros do bairro. A garotinha cresceu e os pintos desocupavam-se de predicados e adjetivos, pintando o mundo numa vontade simples de ser só pinto mesmo, porque ela achava LIVRE. Só isso. JURO.*

**8=D**



# Bruna Pegurier

texto da artista editado por Filipe Chagas

**A**s pessoas olham meu Instagram e ali tem uma mulher branca, supostamente de classe média, um sobrenome francês... mas pouca gente desconfia que eu nasci no sertão do Ceará, que minha mãe veio para o Rio de Janeiro para ser faxineira, que eu estudei em escola pública a vida inteira e que eu não me formei em moda apesar de ser conhecida pelos meus acessórios e ter trabalhado em marcas conceituadas de moda no Rio. São várias camadas. Ter atravessado todas essas barreiras sociais, pra mim é um presente incrível. Sou muito agradecida.

Quando me perguntam de onde veio essa queda por arte, não sei explicar. Sinto que nasci com um olhar inquieto, questionador, curioso, sempre pensando e considerando buscar alguma expressão de beleza, algum alinhamento, uma harmonia mesmo no caos! Tento pensar para além do que consigo ver de imediato, independente da forma como eu vou querer me expressar. Mas isso nunca me fez afirmar que sou uma artista. Sempre que ouço alguém se autodenominando artista, me soa estranho, e, muitas vezes, pedante. Me vejo apenas como um meio que, às vezes, possibilita a arte se manifestar através. E geralmente é quando tento colocar minhas angústias pra fora e, às vezes, dá bom e, às vezes, dá ruim.

*Arte, pra mim, não é um ofício: ela é maior do que o artista; o artista é um meio para a Arte acontecer.*

Há uns 15 anos, fui fazer um curso de fotografia de forma quase casual como ouvinte e acabei absurdamente encantada com a magia da revelação. Entendo a necessidade de conhecer a história da fotografia e os grandes nomes da área, mas pra mim o importante era saber como é que a imagem aparecia no papel, sendo aquilo, talvez a grande magia. Fiquei viajando no processo fotográfico e isso certamente foi uma das formas de treinar meu olhar, já que tenho mania de olhar para as coisas como se tudo fosse foto, buscando composição, enquadramento, como se registrasse em um papel imaginário.

Em um determinado momento da minha vida, decidi que precisava visitar meus amigos em Berlim. Vivi a cidade alemã por 15 dias e fiquei enlouquecida! Como todo turista, a gente chega em um lugar novo e tem uma tendência a olhar para o que queremos. E como a liberdade pra mim é algo muito importante, eu fiquei muito impressionada como é um lugar livre mesmo com uma atmosfera underground. De um modo geral, as pessoas vivem suas vidas muito livremente... principalmente se a gente for comparar com a hipocrisia no Brasil. Segundo,

um dos modelos (que é historiador), por serem majoritariamente protestantes, os alemães nem querem pecar. Já os dito cristãos, pecam e rezam depois para se desculpar. Isso traduz muito esse comportamento “por baixo dos panos” que a gente vive no Brasil, país da bunda de fora no Carnaval e nas praias, onde a gente releva o que nos convém.

Como voltar para casa depois de ver esse outro mundo? Retornei com a cabeça transformada para um Rio evangélico na iminência da eleição presidencial de uma família de milicianos. Sentia que precisava fazer algo... precisava colocar pra fora minha sensação de “não quero ser conivente”. Estava cansada da objetificação do corpo da mulher em revistas, filmes e publicidades, enquanto o homem, principalmente hétero, parecia sempre ter sua nudez protegida. Até mesmo a indústria pornô é feita para o homem seja hétero ou gay, mas raramente para a mulher!

Minha vida toda se construiu em ambientes gays e acho que isso me salvou, permitindo que eu tivesse um olhar mais aberto e receptivo às diferenças designadas pela sociedade tradicional! Comecei, então, a conversar com amigos sobre essa necessidade de me expressar. Poderia fazer uma escultura de um pau, falar “Estou revoltada” e - pá! - bater com ele na mesa. Mas esse gesto me pareceu vazio... qualquer um poderia fazer isso e eu queria algo mais profundo. Pensei em pegar minha câmera fotográfica instantânea, fotografar os paus e dali fazer uma escultura, mas ainda não era isso. Eu tinha a técnica, mas faltava uma direção.



C.Z. (São Paulo), o primeiro fotografado do projeto, 2017.





*As situações em que eu fico nu são sempre muito específicas perto de uma mulher, já que sou gay. Temos o costume de associar nudez com sexo de uma maneira imediata. Acho muito importante quebrarmos essas barreiras nos nossos microespaços para tratar a nudez de uma forma mais natural. – P.B. Rio de Janeiro (2017)*

Com ajuda de terapia e dos meus amigos, percebi que eu queria entender como é ser homem, como é para um homem ser fotografado nu por uma mulher sem a possibilidade de transar com ela, como é saber que existirá uma escultura daquilo que pode ser um orgulho extremo e, ao mesmo tempo, uma vulnerabilidade absurda.

### *O pau é o calcanhar de Aquiles do homem.*

Nunca fui uma pessoa submissa, de acatar muito o que já está pré-estabelecido e divergente do que eu acredito. Com essa viagem e a vontade de iniciar o projeto que ironicamente denominei de *Lascívia Project*, sentia que precisava de espaço conjugal também e, em comum acordo, resolvi abrir para que pudesse me expressar na minha totalidade. Foi aí que aconteceu a descoberta de uma potência que estava adormecida, que estava ali protegida dentro de uma caixinha coberta por um casamento tradicional. Toda a possibilidade de ser desejada por outras pessoas e poder desejar outras pessoas sem culpa... isso é muito poderoso! E foi importante – mesmo que o casamento tenha terminado pouco depois – para que eu entendesse os meus limites e quais os limites que eu gostaria de estabelecer numa relação sexual/afetiva.

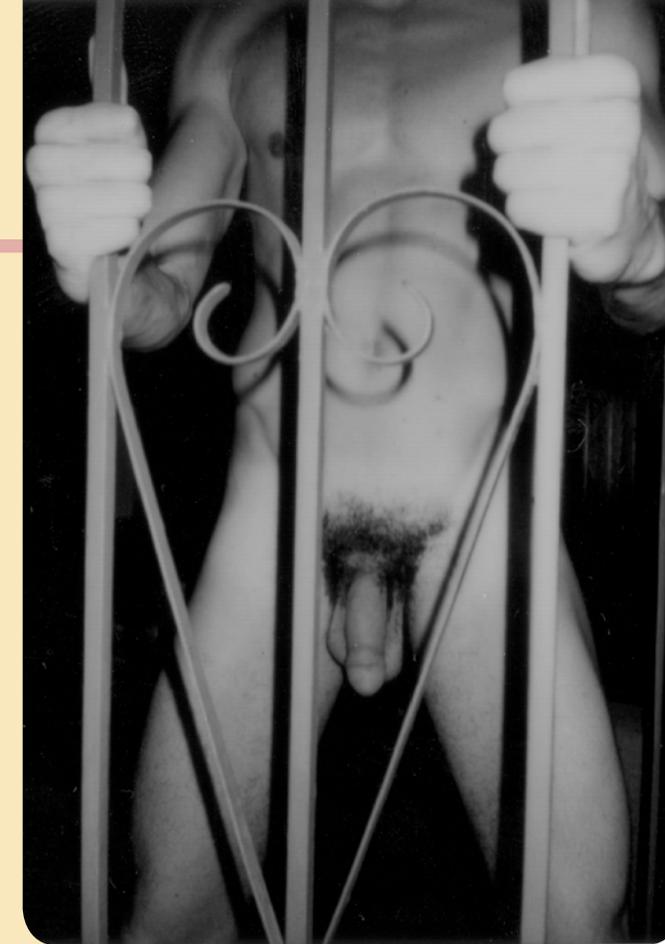
Então, a primeira pessoa que me apareceu para o projeto era um rapaz que eu tive um rápido relacionamento. Foi extremamente difícil, porque eu não queria que aquela conexão

*Eu gostei de ver meu corpo nu de uma forma não sexualizada e conseguir brincar com isso. Como homem gay, meu corpo nu sempre é sexualizado e o fato de ter sido fotografado por uma mulher me fez entrar mais na questão artística. – R.M. São Paulo (2017)*

que existia, por menor que fosse, interferisse no resultado. E isso se tornou uma questão do projeto: retirar o componente sexual da relação fotógrafo / modelo, a não-realização do desejo. Dos treze homens que participaram do projeto, boa parte era gay, onde o tipo de tensão, quando existia, era mais sobre se expor nu para uma conhecida do que qualquer componente de desejo reprimido.

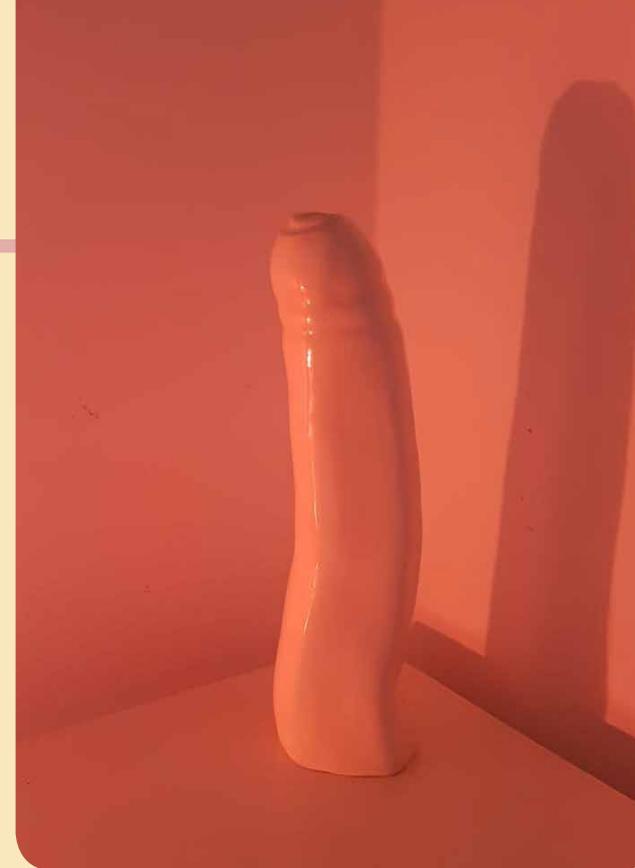
No Brasil eu fotografei amigos, amigos de amigos... pessoas que foram chegando através de pessoas que eu já conhecia, ou seja, já tinha um filtro natural. O projeto nunca foi sobre “quem era o cara mais malhado?”, “quem era o cara com o pau maior?”. Isso era completamente secundário. Eu queria mesmo era saber “quem é você? Me conta tua história? Por que você tem interesse em participar desse projeto?”. Então, no meu contrato de uso de imagem, eu coloquei algumas perguntas que enriqueceram de forma generosa e genuína o que eu estava querendo apresentar.

Toda vez que me perguntavam “Como você quer? Você quer tirar foto do meu pau duro?”, imediatamente a minha resposta era “Quero que você se mostre como você quer ser visto”. E isso os desarmava, porque não é uma coisa fácil. Imagino o peso social de um homem (principalmente hétero) estar se mostrando nu para uma mulher com o pênis flácido, sem que isso terminasse em sexo. Era uma situação de tamanha vulnerabilidade, de tamanha confusão mental, que a maioria não conseguia ter uma ereção. Nem mesmo com a ambientação que





Eu me senti nu, mas não estranho. Me senti confortável, como se eu estivesse sozinho no meu quarto. Participar do projeto me fez sentir mais confortável e seguro em estar nu especialmente na frente de outras mulheres.  
– J.S. Bélgica/Rio de Janeiro (2017)



eu criava – música, luz, bebidinhas... Por essa razão, alguns enviaram foto posteriormente, uma vez que, para as esculturas, de fato era mais fácil representá-los eretos.

Depois de uns cinco fotografados, eu cismeique iria fazer uma exposição em Berlim. Mesmo antes de chegar na Alemanha, meus amigos já tinham feito a ideia do meu projeto circular e acabou chegando em um brasileiro que trabalhava em uma galeria (*CoGalleries*), que topou me receber. De repente, me dei conta que o que era pra ser uma viagem de férias-barra-vou-tentar-fazer-uma-exposição seria também para desenvolver melhor a minha produção artística, aproveitando aquela liberdade local.

Mesmo no meu grupo, na minha bolha mais esclarecida, supostamente mais aberta para enxergar outros espectros, eu percebia o micro julgamento por estar fotografando homens nus. Mas, nada disso me parou. Entretanto, como eu ia fazer para encontrar modelos de forma tão rápida já que estava

numa cidade onde conhecia poucas pessoas e meu círculo de amigos por lá era super reservado? Só consegui pensar no *Tinder*. Fiz um perfil falando do projeto: “Oi, meu nome é Bruna, sou do Rio de Janeiro e estou fazendo um projeto fotográfico sobre nudez masculina”. Coloquei idade entre 18 e 80 anos e passei semanas e semanas lendo perfis, um por um, de cada homem que aparecia. Aqueles que eu achava mais interessante, eu tentava dar um match. A partir daí começava uma longa conversa para explicar o projeto detalhadamente, porque, por mais abertos que fossem, homens héteros aparentemente têm pouca variação de objetivo... Com muitos eu falei, falei, falei e não deu em nada. Com outros eu conseguia marcar uma conversa. O processo era esse: eu marcava um café, levava minhas esculturas debaixo do braço, uma cacetada de foto de homem nu e tentava esclarecer todas as dúvidas para que a seriedade do projeto não fosse questionada. Talvez por isso eu tenha sido banida pra sempre do *Tinder*...

Eu pensava muito em contar a minha história através de pessoas interessantes e ouvir o ponto de vista deles era o momento onde eu poderia plantar uma semente, onde eu mostrava o meu olhar sobre o binômio machismo-feminismo, a minha percepção sobre o lugar da mulher na sociedade e a minha perspectiva sobre os homens. Sem levantar bandeiras, porque entendo a importância delas, mas tenho as minhas ressalvas. É tudo muito sutil, sabe? Por exemplo, as mulheres também fazem parte do mecanismo que perpetua o machismo, especialmente em um país que ainda existem mulheres solteiras levando a família à unha e, mesmo assim, acreditando que a felicidade e o sucesso está em se casar e ter um monte de filhos para se tornar completa a partir de um homem. Hoje em dia, na maior parte das esferas sociais, a mulher não precisa mais disso. Não faz mais sentido. Pra mim, a maior liberdade que a gente ainda precisa conseguir

enquanto mulher é a liberdade emocional. De entender que está tudo bem se não tiver um cara, ou mesmo uma outra mulher, ou também se não tiver filhos. É possível se encontrar, se realizar através das coisas que você produz para si mesma.

Quando me entrevistam sobre os acessórios que produzo, sempre dou um jeito de falar do *Lascívia Project* porque acho que ele causa uma ruptura. Afinal, eu fotografei homens pelados nas casas deles! Sozinha! E não sofri nenhum tipo de violência! Claro que existia o risco, mas na minha cabeça tinha tanta certeza da minha sensibilidade, que nem por um momento, enquanto estive sozinha com eles, senti medo de sofrer qualquer violência. Isso, claro, não me impediu de passar por situações curiosas, como quando marquei sem perceber uma entrevista num restaurante no Dia dos Namorados. Pra mim, a escolha da bebida (pedi chá) e a forma de colocar o projeto me salvariam de ser má interpretada. No entanto, cada

D.J. (Berlim), o “cara do champagne”, 2018.



Vivendo nessa cultura visual contemporânea dominada pelo olhar masculino, cresci literalmente cercado por imagens de mulheres nuas, de alguma forma objetificadas, mais ou menos autônomas em sua representação. Tomou-me um tempo, no entanto, para perceber que fotos de homens nus eram algo menos popular e que esse desequilíbrio não reflete apenas a heteronormatividade machista, mas também nos torna uma sociedade muito mais pobre esteticamente e emocionalmente. Corpos masculinos nus são belos, cativantes e excitantes cada um à sua maneira, e eu gostaria de ajudar a representá-los. – C.K. Berlim (2018)

Definitivamente me fez perceber que ficar nu com uma mulher numa situação não sexual é algo bastante natural, já que isso não faz parte do meu dia-a-dia. Foi ótimo para expandir meus horizontes. – T.C. Bélgica/ Berlim (2018)

um tem a sua fantasia (ainda bem, dentro dos limites do outro, sempre) e, dias depois, quando fui à casa desse cara para as fotos, fui recebida com champagne. Apenas agradei e disse que não bebia em trabalho para tudo fluir como deveria. Ou quando precisei deixar claro nas redes sociais (perfil de Instagram fechado com quase mil seguidores que existiu por um ano antes de ser derrubado) que eu não queria ficar recebendo fotos e vídeos não-solicitados de paus e masturbações, mas que se continuasse eu iria repostar e revelar as identidades.

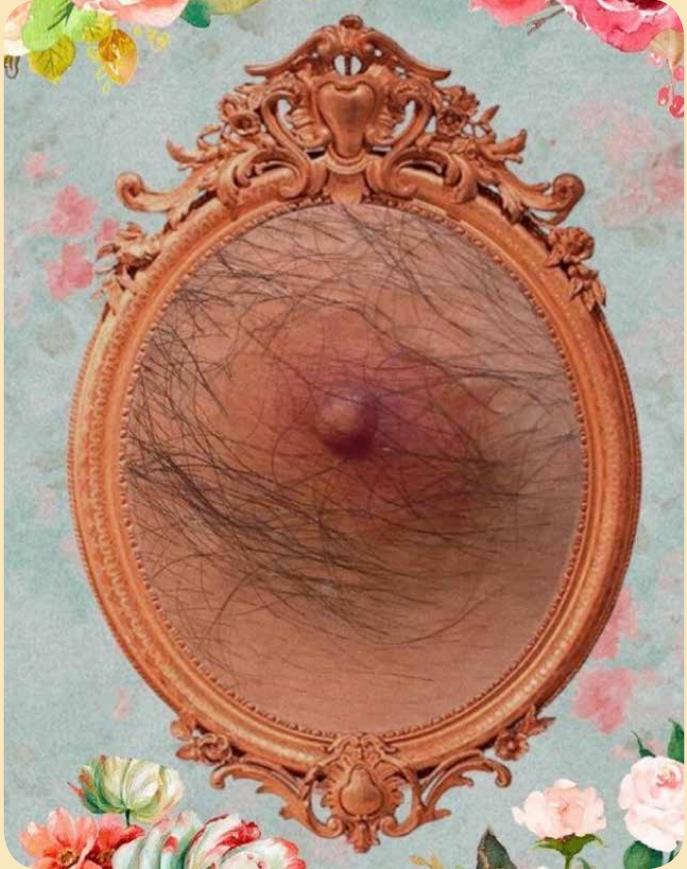
Mexer com cerâmica, fazer as esculturas, também é um outro processo. A modelagem surgiu tanto como uma alternativa aos

tecidos do meu trabalho, como também uma forma de me reconectar com a minha história, com o barro do Sertão. Acabou se tornando despretensiosamente um meio de vida profissional e artístico. É um grande aprendizado de tempo, de delicadeza. As esculturas dos falos pretendem mostrar a beleza e o poder da vulnerabilidade nas histórias que conheci com o *Lascívia Project*.

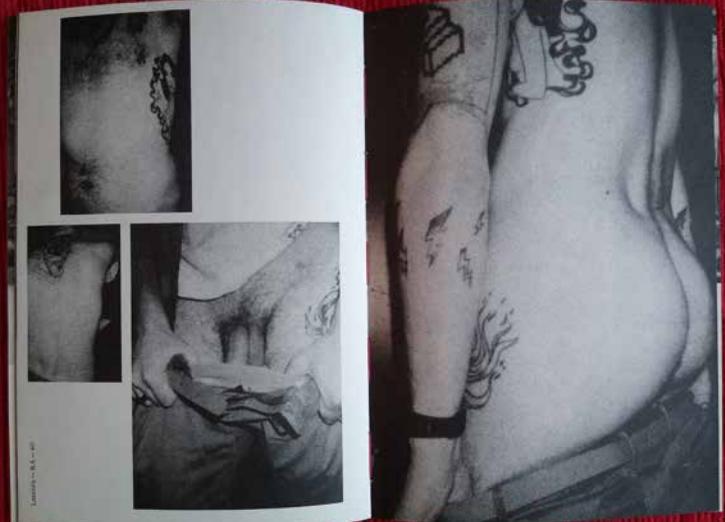
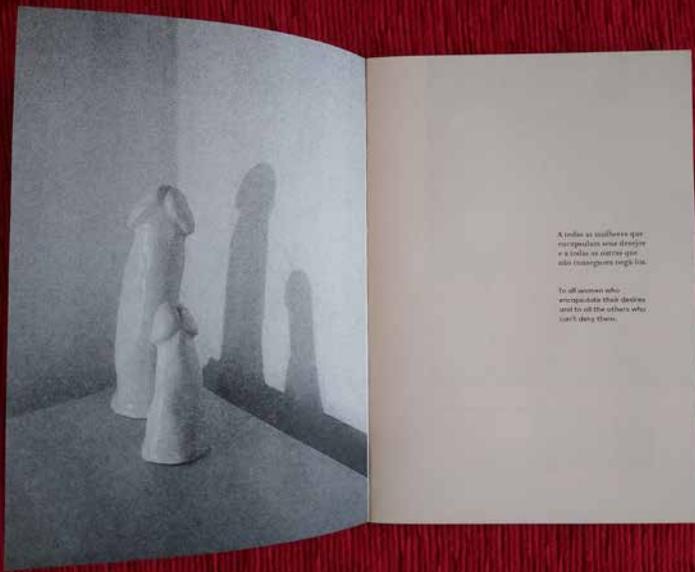
Hoje penso muito na construção das relações, que sejam de crescimento e expansão, ao invés de neuras e violências nos piores casos. E a pandemia faz a gente pensar no estar sozinho e na solidão, em como lidar com

isso. Vejo também a censura das redes sociais e penso em como burlar o algoritmo. Por exemplo, aproveitei um filtro de moldura para mostrar mamilos de ambos os gêneros (na página anterior) e, surpreendentemente, essa ação está até hoje no meu feed do Instagram!

Não sei como vai ser daqui pra frente, de como vou querer me expressar para além das coisas que faço. A única coisa que eu posso garantir é que sempre vai ser um questionamento sobre *status quo*. E tem como não ser? **8=D**



Fotos do zine.





Guilherme Corrêa convida Cauê Rocha

FALÓFORO



Foto: Guilherme Corrêa .Autorretrato.







Recentemente, uma amiga muito próxima foi vítima de violência por parte do cônjuge. Primeiro, notei alguns hematomas nos braços, mas fiquei com receio de questioná-la. Depois vi que seu rosto estava ferido e não hesitei em perguntar, pois começou a ficar muito evidente que algo não estava certo. Felizmente ela conseguiu se comunicar comigo sobre toda a situação e me chocou os relatos do tempo que ela sofre com agressões físicas, verbais e psicológicas do marido. Perguntei o que ela acha de denunciá-lo e ela me respondeu que é ele quem sustenta a casa, coloca comida na mesa e paga a escola do filho, o que a deixa praticamente refém da situação, numa dinâmica sem saída. Fiquei refletindo perante todo esse contexto complicado o que eu, enquanto homem, poderia fazer para ajudar minha amiga ou outras mulheres vítimas de violência nessa sociedade tão machista. Gostaria de uma luz...

A.N. João Pessoa/PB.

As motivações que levam um homem a praticar atrocidades na sua companheira são enraizadas, como você mesmo sugere na pergunta, em comportamentos machistas que pregam como naturais sentimentos de posse e domínio, por exemplo. Seja na esfera pública ou privada, os abusos acontecem de inúmeras e variadas formas, sendo comum ouvir por aí ou ler na internet frases como “mulher que transa no primeiro encontro não serve pra casar”, “lugar de mulher é na cozinha”, “se usou roupa curta é porque tá pedindo!”, entre tantas outras coisas que compõem o panorama cultural de uma sociedade patriarcal que legitima, banaliza, promove e silencia diante da violência contra a mulher.

Nós, enquanto homens, nessa sociedade que cultiva a mulher como inferior, precisamos não apenas entender nossa posição privilegiada na história, mas conotar a importância do envolvimento masculino nessa luta levando em consideração que condutas violentas em relação a mulher possuem consequências. Estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher na **Lei Maria da Penha**: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial – Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V.

Mudar a mentalidade machista e combater os estereótipos de gênero é uma maneira de enfrentar e não tolerar mais esse tipo de agressão, porém,

uma parcela significativa de homens, mesmo com todos os dados e informações possíveis e diversas acerca do que configura a violência contra a mulher, infelizmente continua a perpetuar comportamentos que vieram de seus pais, avós e gerações anteriores acerca do que é ser homem.

E, afinal, o que é ser homem?



Essa é a pergunta que devemos fazer a nós e a outros homens. À medida que estudos sobre as masculinidades se aprofundam, percebe-se que a resposta permanece em silêncio. Foi justamente questionamentos como o feito na sua pergunta e os trazidos na minha resposta que levaram um grupo de pessoas a lançar um projeto que culminou no documentário **O Silêncio dos Homens** disponível gratuitamente no YouTube. Violência doméstica, ausência de mulheres em posições de poder na política e economia, assédio, altíssimas taxas de suicídio, homicídio, mortes no trabalho, encarceramento entre os próprios homens... O silêncio pode ser várias coisas e a violência contra a mulher não deixa de ser uma delas.

Esse homem que não chora, que não sofre, que é direcionado a ser o mais bem-sucedido, que deve gostar da cor azul, que quando criança brincava de luta, mas era repreendido pelo pai e pela própria mãe se brincasse de boneca, e que não liga pra sentimentos é o mesmo que agride, xinga, bate, estupra, espanca, diminui, omite, abusa.

Furar a bolha desse homem que aprendeu durante fases primordiais de desenvolvimento do ser humano que ser homem é ser “forte” e “superior” talvez seja o maior desafio. É como se ele não quisesse largar o topo da pirâmide de privilégios em que foi colocado, ainda que para manter-se nesse “topo” ele faça mal a mulheres, outros homens e a ele mesmo.

Mas voltando ao ocorrido com sua amiga, falar para sair do relacionamento não vai ajudar, dadas as circunstâncias dela. Tente provocar nela uma reflexão do tipo: como você enxerga sua vida daqui cinco anos? Com certeza ela irá refletir sobre as atitudes e escolhas dela no momento atual.

Pode existir a crença de que ela irá mudar o companheiro ou que ele vai melhorar, mas o que exatamente faz ela pensar que isso vai acontecer? O que ela realmente sente no íntimo por um homem que a agride?

É importante avaliar os riscos de ela continuar ou deixar essa relação. O temor de perder a guarda do filho e o feminicídio são possibilidades extremamente angustiantes, por isso todo cuidado com julgamentos. Pratique a empatia de se colocar no lugar dela a todo instante.

Lembre-se que você não é responsável por sua amiga. Não sofra caso ela não consiga fazer o que parece óbvio e correto. A decisão é dela. Tentar direcioná-la para uma terapia, ou quem sabe para algum grupo de trocas de experiências com outras mulheres que sofrem o mesmo que ela pode funcionar como uma janela dentro da prisão sem muros em que ela se encontra. Assista e divulgue coisas como o documentário que falei acima disponível para todos na internet.

Coragem para ela e, para nós, enquanto homens, para assumirmos responsabilidades, sermos vulneráveis, nos ajudarmos e ajudarmos outros homens e mulheres.

NOTA DO EDITOR: Leia mais sobre formas de abuso perpetrados pelo machismo na edição 11 da Falô.



Campanha de alerta à violência contra a mulher criada pelo italiano Alexsandro Palombo, utilizando o rosto machucado de mulheres em posições de poder, como Angela Merkel e Michele Obama. (janeiro 2020)

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

**benfeitoria**  
SEJA MAIS SEJA UM COLABORADOR!  
[www.benfeitoria.com/falomagazine](http://www.benfeitoria.com/falomagazine)



AMIGO DA FALO  
R\$10,00/mês

PARCEIRO DA FALO  
R\$15,00/mês

VIP DA FALO  
R\$20,00/mês

PATRONO DA FALO  
R\$50,00/mês

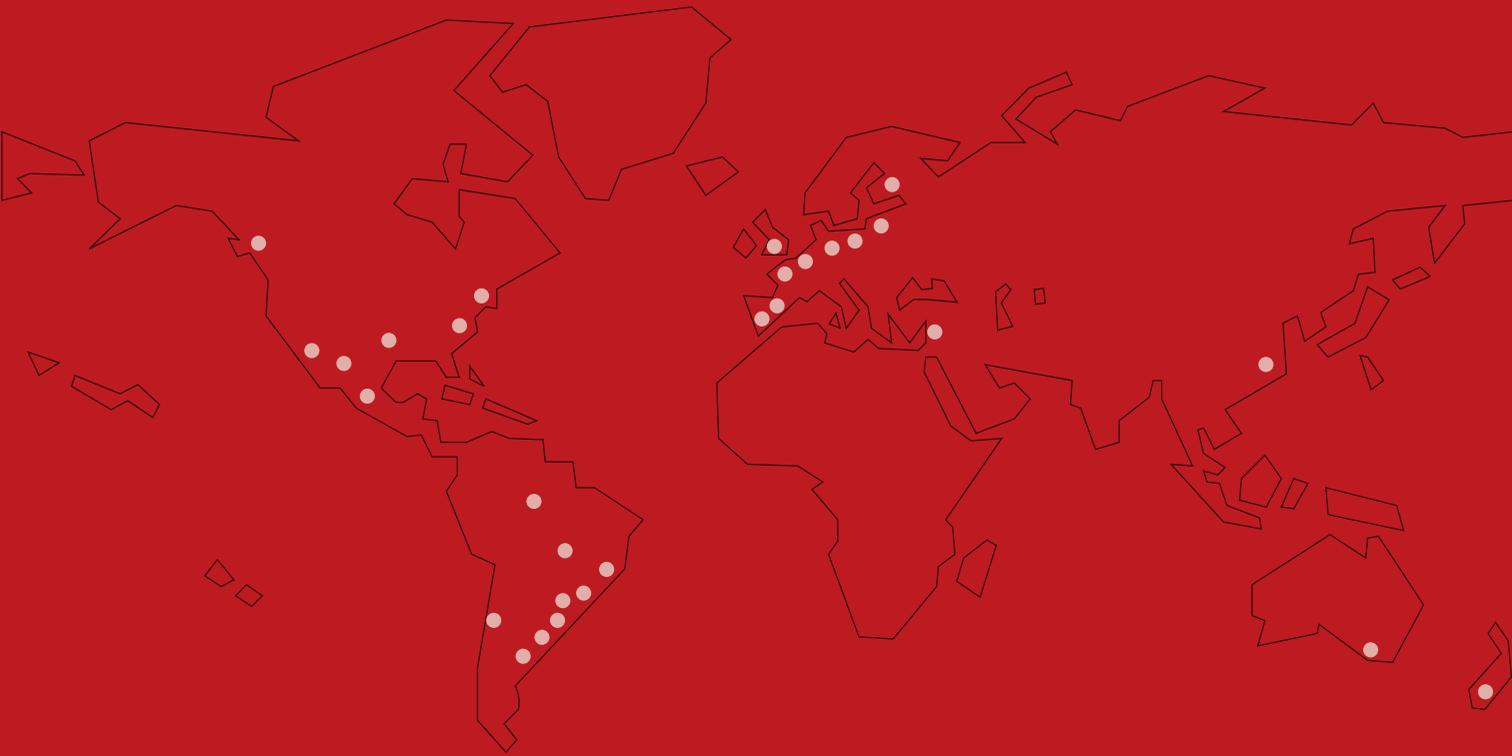
**Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!**

Alcemar Maia, DUOCU, Fernando Oliveira, Gabriel França, Heráclito Vilaça, Júlio Lima, Marcelo Augusto e Orlando Amorim.



Modelo: Tim Christian. Foto: Jay Jorgensen.





# FALD

ISSN 2675-018X  
falonart@gmail.com

